Jornal Universitário de Coimbra

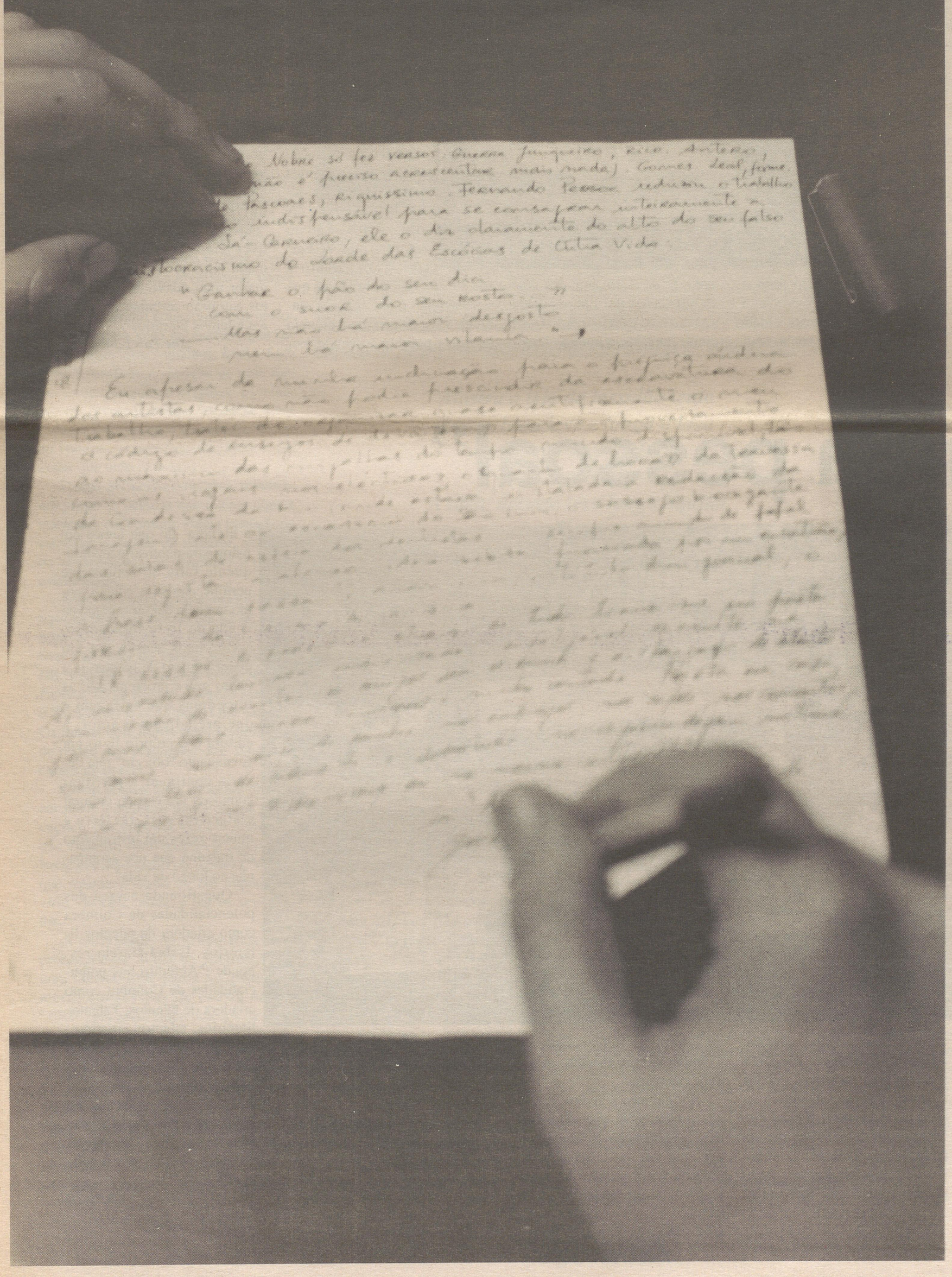
A CABRA

Nº45 11 de Fevereiro 1999 **Quinzenal** **Directores**: Adeodato Valente Pinto e Fernando Nunes
Produzido pela Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra **Distribuição Gratuita**

DOM Duas

BIBLIOTECA GERAL DA UNIVERSIDADE JORNAIS COIMBRA

Escrever em Coimbra



Lei do Financiamento

DG/AAC abandona diálogo

Em ano de eleições, Marçal Grilo voltou a convidar as Associações Académicas para uma reunião de trabalho. Os estudantes aceitaram com a condição de que se falaria da revogação da LQFES, mas duas horas depois do diálogo ter recomeçado já os dirigentes associativos abandonavam a reunião. A intrisigência do ministro em revogar a lei foi a principal causa.

De mãos a abanar as Académicas não esperaram muito tempo para trazer a contestação de volta às ruas e Hugo Capote anunciou mesmo, sem consultar a Ass. Magna, uma manifestação nacional a 24 de Março. Procuram–se, no entanto, outras formas de reinvindicar e há já planos para um congresso estudantil a realizar próximo de Junho.

Tudo na pág 11.

Desporto

Estádio Universitário melhorado

O Estádio Universitário de Coimbra vai sofrer uma série de remodelações que o vão tornar mais prático e comódo para quem dele usufrui. Um novo parque de estacionamento e um restaurante são alguns dos melhoramentos. Mas as condições desportivas também não ficam esquecidas. Tudo pronto lá para o fim do ano 2000.

pág.13

Música

Fred Frith em Coimbra

A RUC, na comemoração do seu décimo terceiro aniversário, volta a trazer uma grande referência musical aos palcos de Coimbra. O quarteto de guitarras de Fred Frith actua no Teatro Académico Gil Vicente, dia 26 de Fevereiro. Mark Stewart, René Lussier, Nick Didkowsky e Fred Frith preparam–se para um oferecer um concerto de grande nível à imensa minoria que a Rádio Universidade de Coimbra soube fielmente conquistar durante os seus 13 anos de vida. Parabéns Ruc.

Última página

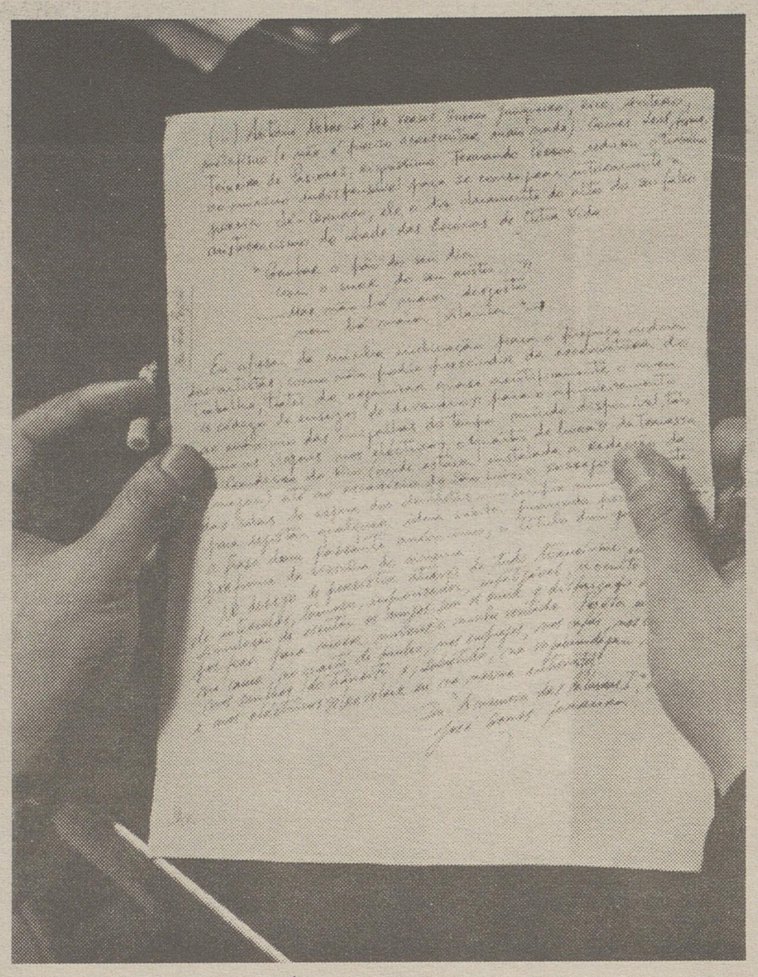
Editoras: A Mar Arte

Na rota da poesia

Editora "coimbrinha de gema", a "A Mar Arte" iniciou a sua actividade em 1993. Foi pelas mãos de Elsa Ligeiro que tomou forma este projecto que se pretende inteiramente dedicado à poesia. Contudo, a sua legalização surgiu mais tarde em Maio de 1994, altura em que foi emitida a sua "certidão de nascimento".

Contando com dois trabalhadores fixos e um colaborador permanente, a "A Mar Arte" reconhece a preciosa colaboração de inúmeras pessoas sem as quais não seria possível o funcionamento desta editora.

Com um volume anual de edições que, em 1997, atingiu as 17 publicações, a "A Mar Arte" procurou dar mais espaço entre elas, tendo "(chegado) à conclusão de que era necessário uma maior contenção, pelo que o ideal seria nunca ultrapassar o limite de dez livros por ano". Para 1999 a "A Mar Arte" pretende, em nome da qualidade e da promoção, limitar este número a sete, uma vez que "vender poesia não é tarefa fácil.(...) A dificuldade principal é a própria área, porque as pessoas não gostam nem têm o hábito de adquirir poesia, além de que já há muitas editoras neste campo. É muito mais fácil editar um livro de História ou de Direito do que um livro de poesia, que tem na sua promoção e divulgação uma tarefa mais complicada".



Por esta editora conimbricense passaram já, pelo menos, cerca de dez autores de Coimbra ou a estudar nesta cidade vendo, assim, o seu sonho realizado. É, de facto, "um dos nosso objectivos dar oportunidade aos novos escritores". Com efeito, um dos primeiros livros a ser editado foi "Ahaghai", um grito de revolta de Jorge Melícias, natural de Coimbra, que constitui o ex–libris da editora.

É de frisar que, sem o apoio de qualquer entidade, a "A Mar Arte" é uma editora independente face a qualquer instituição ou grupo económico, tendo todas as vantagens e desvantagens decorrentes dessa total liberdade. Apesar de a ideia original ser a construção de uma editora única e exclusivamente dedicada à poesia, a "A Mar Arte" aposta noutros tipos de edições, para garantir a sua sobrevivência, uma vez que a poesia não é um negócio rentável. (...) Temos consciência de que a poesia não vende, por isso é complicado ter uma empresa como as outras e não ter apoios...mas há que aceitar as dificuldades". No entanto, entidades há que têm sido sensíveis ao trabalho desta editora, nomeadamente a Reitoria da Universidade de Coimbra, a Direcção Regional da Cultura do Centro e o Governo Civil de Coimbra. Curiosamente, não há, por parte do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Coimbra, qualquer manifestação de apoio a esta editora.

Na opinião de Elsa Ligeiro, "a cidade tem um potencial vastíssimo, é a imagem correcta da "A Mar Arte" e a "A Mar Arte" gostaria de ser a correcta imagem da própria cidade, o que ainda não foi possível realizar de forma plena. Quando a "massa cinzenta" desta cidade tiver tempo para sentir e a camada mais jovem ganhar uma maior maturidade de sentimentos, surgirão certamente inúmeros talentos literários".

Ana Pais e João Brás

Minerva

A "lenda pessoal"

A Livraria Minerva, de José Alberto Amaral Garcia e Maria Isabel Carvalho Garcia, surge como editora em 1987 com o livro "As relações artísticas entre Portugal e Espanha na época dos Descobrimentos ". Essa primeira edição, proposta pelo professor Pedro Dias, foi acolhida de bom grado, "sem supor que seria o marco fundamental para uma viragem ao que inicialmente nos propunhamos fazer".

A actividade da Minerva teve início em Janeiro de 1986 com a livraria que continua a existir junto à Portagem, na rua dos Gatos, e que surgiu como complemento à actividade de importação de livros técnicos por parte de José Alberto Garcia.



A editora cresceu e, neste momento, conta com dez funcionários no activo, contratando pontualmente estudantes aquando da existência de congressos, feiras do livro e outras manifestações culturais. Actualmente, a Minerva edita cerca de 30 títulos por ano em diversas áreas, que vão desde a Arte, Comunicação, Filosofia, Economia, Direito ou História, passando pela Poesia, Psicologia, Pedagogia, Romance, Ficção e também para escolares. Publica ainda uma revista científica na área da Geografia Física que "pelo facto de ser uma revista científica sediada em Coimbra nos dá muita satisfação", tendo já editado cerca de 300 títulos de autores da Universidade de Coimbra de reconhecida qualidade científica.

No que toca a apoios, a Minerva tenta obtê–los sobretudo para a publicação de livros que devido à sua especificidade se dirigem a um público bastante restrito, o que dificulta a sua comercialização. Entre as entidades apoiantes contam–se diversas empresas particulares e instituições oficiais.

Como editora, "as dificuldades com as quais nos debatemos são certamente as mesmas de muitas outras, isto é, o reconhecimento da qualidade científica e literária do que temos em mãos para publicar e a consequente falta de apoios que permite não só a edição, como também baixar o preço da venda do livro tornando-o, assim, mais acessível a um maior número de pessoas.(...) Outro grave problema são as fotocópias que se fazem e que prejudicam o autor, a editora e o próprio livro em si enquanto "objecto" que deveria continuar a partilhar connosco um espaço cultural e afectiva, pois um livro é muitas vezes um instrumento de trabalho que nos acompanha ao longo da vida".

Questionada acerca das potencialidades de Coimbra como criadora de talentos literários, Isabel Garcia responde :"Acredito nas potencialidades de Coimbra como criadora de talentos. Talentos literários, talentos artísticos, talentos...Existem por aí tantos talentos que certamente ainda não foram ou sequer serão descobertos. É preciso que cada um de nós, tal como dizia Paulo Coelho no seu livro "O Alquimista", siga atrás da sua "Lenda Pessoal""

AP e JB

Rascunho
Sensibilidade poética

Sobre a Rascunho, há que falar na primeira pessoa. E porque é disso que se trata: de pessoas, não de instituições.

Tudo começou nas Monumentais. Luís Simões, num rasgo de coragem e inconformismo, interpelou os estudantes transeuntes e desviou–lhes a atenção do céu incerto que se alcança por cima do último degrau da escadaria: distribuia poemas. Antes da aula, um poemazinho para digerir o almoço, ou, para quem vem a descer, um poema para arrotar a última palavra daquele professor chato. Mas o dono da casa de cópias Rascunho não distribui papéis querendo vender ou cravar alguma coisa. Não. Dá o papel, e com ele um pedaço de si, um fragmento da sua poesia, dá a sua visão para confrontá–la com a de outras pessoas, dá a conhecer o seu trabalho. Estávamos em 96.

Em Dezembro desse ano, os papéis com poema trazem uma revolucionária novidade: o anúncio de um concurso de poesia. Depois disso, a cena cultural coimbrã nunca mais foi a mesma. Cerca de 300 pessoas inscreveram–se nesse concurso.

Havia um júri constituído por personalidades com voto na matéria, que seleccionaram vinte trabalhos. Então, Luís Simões resolveu a situação de uma forma muito simples e original: os vinte autores desses trabalhos teriam de votar e eleger um vencedor de entre si. Ricardo Namora, o nome do felizardo. E foi assim que tudo começou.

Desse primeiro concurso resultou um grupo de pessoas que tinham alguns interesses em comum. Havia vontade de escrever, vontade de mostrar, vontade de revolucionar, de irromper a ordem estabelecida.

Não se sabia o que magicavam aquelas pessoas. Até ao dia 12 de Fevereiro de 98. Nesse dia lançaram–se seis livros no foyer do Teatro Académico de Gil Vicente. Os autores eram Manuel Pereira, Jorge Rosete, Ricardo Marques (Claus Min) e o próprio Luís Simões. Os outros dois livros eram compilações de textos não premiados dos dois concursos de poesia.

Quem olhasse para os livros poderia constatar a natureza pirata destas publicações. No entanto, poucos foram os que ficaram indiferentes à iniciativa, fosse por admiração ou desdém. Via–se que realmente havia ali um ímpeto que viria, ou virá, ainda, a dar os seus frutos.

A actividade do grupo Rascunho prolongou–se ainda na publicação de uma fanzine (que parou no quarto número) em sessões de poesia no bar "1910", em mais cinco edições de autor (livros de Carlos Ramos, José Fernando, José António Pimenta, Pacheco Eduardo e Paulo Barbosa), num segundo concurso de poesia, onde foram premiados Mohsen Rostami, Jorge André e Valter Hugo Mãe e em não menos importantes "calmas e solarengas tardes" passadas à janela da fotocopiadora cor–de–rosa, durante as quais se pactuam projectos, ideias, sonhos... ou apenas conversas banais, quem sabe? Só quem por lá anda.

Oficializar a editora não seria difícil. O problema seria o dinheiro que é preciso para a publicação de um livro. Essa é uma despesa demasiado alta para os cofres de uma fotocopiadora.

Para além de impossibilidades financeiras, existem outras dificuldades. Já houve quem contestasse as sessões de poesia no "1910". Pode ser inveja, pode ser apenas uma saturação. Nestes casos há sempre dois partidos. Uma voz, uma resposta, duas visões opostas, ninguém tem a razão toda.

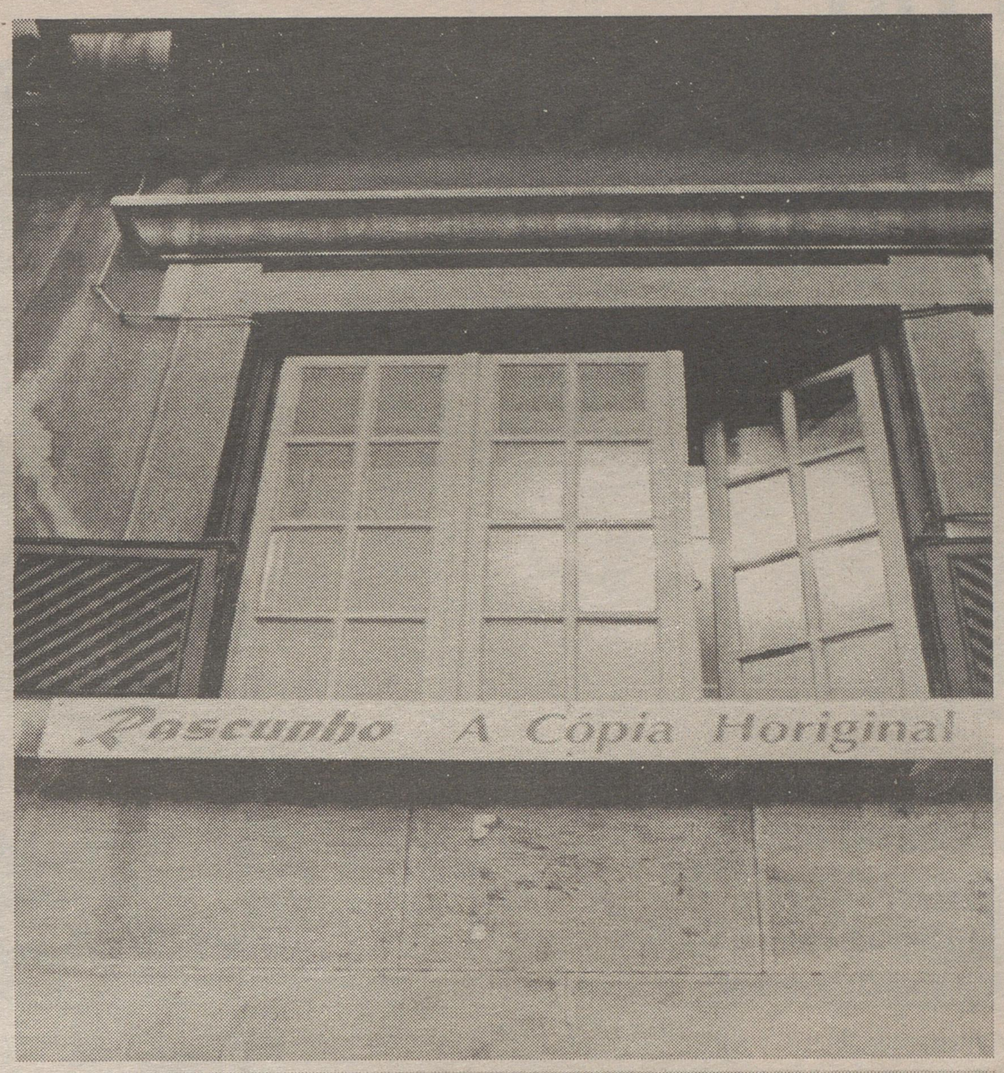
Mas o facto é que o "fenómeno" Rascunho parece estar numa fase de amenização. Luís Simões, que confessou a "A Cabra" a possibilidade de vir a adoptar o actual nome da fotocopiadora como pseudónimo, diz que vai virar–se mais para si próprio, "voltar ao umbigo". Neste momento está a escrever um romance autobiográfico.

Entretanto, expirou no passado dia 5 deste mês, o prazo de entrega de textos para o último concurso de poesia da Rascunho. E vai ser mesmo o último, já que a fotocopiadora foi vendida, apesar de ainda funcionar nos moldes em que estamos habituados.

"A Cabra" tem o prazer de divulgar, mais ou menos em primeira mão, o nome do vencedor, que, este ano é uma vencedora: Lucília Raimundo. E o poema que o permitiu é este: "Alastra a teia da lassidão lenta/ Agora lesta leve e longa a lava/ Escorrega líquida ferve/ A lassidão/ A ideia derrete leve longa líquida/ Ferve/ O pensamento dissolve leve longo líquido/ Alastra/ A teia o sonho lento lúgubre louco/ Corre escorrega solto/ Sabe a pouco a pouco/ Louco.

Parabéns, Lucinda!

David Pereira Bastos



Foi a partir daqui que muitos poemas viram a luz da edição

Alastra a teia da lassidão lenta
Agora lesta leve e longa a lava
Escorrega líquida ferve
A lassidão
A ideia derrete leve longa líquida
Ferve
O pensamento dissolve leve longo líquido
Alastra
A teia o sonho lento lúgubre louco
Corre escorrega solto
Sabe a pouco a pouco
Louco

Lúcilia Raimundo
Poema vencedor do último concurso de poesia da "Rascunho" 1999

EDITORIAL

ESCREVER EM COIMBRA

"Há gente a escrever em Coimbra ?", perguntou o intelectual no já habitual paternalismo com que a geração mais velha costuma indagar a geração mais nova. Em todas as épocas, em todas as alturas, há gente a escrever, a imaginar, a publicar, a arriscar. Esta geração não é muito diferente da anterior, às vezes melhor, outras vezes pior. Por muito que se queira, não escreve nem edita livros quem quer. E quem sabe o preço do papel e o custo de impressão das tipografias, sabe do esforço hercúleo em questão. Escrever um livro e conseguir publicá–lo, publicar uma revista literária ou editar um pequeno opúsculo que seja, está hoje confinado a uma ínfima minoria. Há quem os considere por isso os eleitos da cultura.

Edita–se assim umas vezes facilmente, outras com mais sentido de risco e, na maior parte das vezes, com as maiores dificuldades do mundo. Do mesmo modo que para que alguém escreva e publique é necessário que alguém esteja interessado em comprar e ler e que haja gente também interessada em divulgar. A divulgação é hoje uma das maiores dificuldades para aqueles que se iniciam na arte de juntar letras. E quem é que está disposto a fazer esse trabalho moroso e persistente?

"A Cabra" tomou desta forma a decisão de inserir um especial no seu jornal com alguns dos muitos que escrevem em Coimbra e aos que espalham os seus textos pelas edições que nos vão chegando até nós. No entanto,escrever em Coimbra não deve ser muito diferente do que escrever em Lisboa, na Zambujeira do Mar, em Vila do Conde ou no Porto. Se é verdade que esta cidade tem milhares de potenciais escritores e leitores, são também muitos os que se queixam actualmente da ausência de novos valores na poesia, na prosa, e no romance. Por essa razão há muito que fazia falta "curiosar" sobre quem escreve...

Nos últimos tempos não faltam concursos, revistas, pequenas novas editoras, edições "marginais", todos eles à procura de melhores dias no campo literário de Coimbra. Cidade por onde já passaram escritores como Miguel Torga, António Nobre, Teixeira de Pascoaes, Carlos de Oliveira, Manuel Alegre, entre outros. Todos eles reconhecidos bons escritores, todos eles referências da cidade enquanto vivência literária.

Escrever continuará a ser um acto solitário, prazenteiro para alguns, doloroso para outros, mas sempre condicionado pela s condições materiais do real.Pois quantos é que se arvoraram dizer que viviam daquilo que escreviam? E hoje, quantos é que vivem do ofício das letras ? Assim como são muito poucos os que conseguem explicar as razões que os levaram a dedicarem–se à escrita.E naquilo que se escreve há valor ? Esta e outras respostas podem ser desvendadas nas próximas páginas.

Fernando Nunes

Três livros depois a escritora Maria Toscano promete ainda muitos mais

"A poesia é a arte da

Maria Toscano é uma das figuras de destaque do panorama cultural Coimbrã. Nascida em Campo Maior, cedo trocou as paisagens alentejanas pelo fervor das grandes cidades. Partilha a sua vida com a sociologia, com a música e com a poesia. Na sua bagagem carrega já três livros publicados e uma mão cheia de actividades ligadas ao teatro e à animação de bares.

Se a quisermos descrever em duas penadas podemos dizer: Maria Toscano, mulher, socióloga, amadora da vida e da arte.



Maria Toscano durante a apresentação do seu livro no foyer do TAGV

A Cabra: ***Com todo um percurso ligado à sociologia, o mestrado e agora o doutoramento, e ainda a docência no Instituto Superior Miguel Torga, que papel assume a poesia na tua vida?***

Maria Toscano: A poesia é muito anterior à sociologia. Vem desde a adolescência, só que eu nunca deixei de escrever, mas pensei que iria publicar. Até há três anos eu dizia que não escrevia para publicar até que me confrontei comigo e vi que tinha de facto muito material. Se a pessoa escreve é para partilhar, independentemente de não sermos Florbelas Espancas nem Natálias Correias. Pelo facto de se ser amador não quer dizer que não se possa agradar.

C: ***Como é que nasceu a paixão pela escrita?***

MT: O primeiro poema que eu escrevi foi pouco depois do 25 de Abril, eu tinha então 14 anos. Andava no liceu José Falcão e era uma miúda muito activa. Estava ligada a um grupo de animação cultural e pertencia, também, a um grupo de teatro. Organizava–mos os jogos florais e eu concorri ao concurso e ganhei uma menção honrosa com esse tal texto, que era muito militante. A partir daí nunca deixei de escrever.

C: ***Que razões pensas que estão na base dessa tua actividade, se é que as há?***

MT: Eu escrevo por diferentes razões. Nos momentos em que não tenho tempo para nada, penso que há um diabinho ou um anjinho, esperemos que seja um anjinho, a dizer: agora escreve poesia, escreve. Não posso, digo–lhe eu, sai daqui, tenho de trabalhar. E no meio, seja do que for, tenho de escrever. Se não for no caderninho da escrita, é no guardanapo, no bilhete, em qualquer lado.

E há outro tipo de situações em que me disponho e decido ver o que tenho e retomo coisas. Ás vezes espanto–me. E digo isto sem presunção, porque eu acho que todo o acto criativo é um acto que nos leva para fora de nós, que nos eleva.

> ***Os portugueses não têm hábitos de leitura como, por exemplo, os espanhóis e por isso tem de haver muita militância pessoal. Falta uma política de sensibilização. Tudo começa na educação e o papel que o livro pode ter na escola.***

C: ***É por isso que sendo o teu nome Maria de Fátima Costa Toscano apareces nos livros como Maria Toscano?***

MT: Tirei Fátima e Costa dos livros, porque não sou eu, cidadã no mundo. É, de algum modo, um narrador, uma personagem, porque há uma invenção, há qualquer coisa que naquele momento acontece e nos ultrapassa.

C: ***Queres explicar como se desenrolou o processo da publicação?***

MT: Apresentei um projecto a um editor que depois de me dizer que o publicava me pediu uma capa. Eu apresentei o projecto em Janeiro, esperava que o livro saísse por altura de Outubro ou Novembro. No entanto, o editor faltava às reuniões combinadas, ou aparecia só para dizer que não podia estar presente. Até que eu o confrontei e ele me disse que já não queria publicar.

Eu acho que as editoras não têm de publicar tudo, nem de corrigir, têm apenas de dar uma opinião: enquadra–se na nossa linha editorial, queremos publicar, não se enquadra não queremos. Mas, acima de tudo, há que ser humano, e ter alguma sensibilidade para lidar com as pessoas, porque um livro é acima de tudo é uma dádiva. E eu retirei da editora o meu manuscrito.

Depois foi curioso. Houve uma pessoa que eu encontrei e que me disse que Tinha uma editora e que conhecia alguns dos meus textos. Disse–me que me contactava para eu ir ao lançamento do primeiro livro da colecção de História dessa editora, que é a Palimage Editores de Viseu, e acabou por me contactar para o meu primeiro livro da sua colecção de poesia. Foi o Jorge Fragoso que, para além de ser editor, é também um criador e está agora para sair um livro seu lindíssimo.

C: ***Foi a editora do teu segundo livro: "as palavras contidas"?***

MT: Com a Palimage editores tive uma experiência fantástica. Aconselho a todos os jovens escritores que tenham, pelo menos, um contacto com eles, porque só isso é estimulante.

C: ***Consegue–se algum lucro quando se publica?***

MT: A Palimage Editores tem um contrato justo para com os autores, comparando com outras editoras. O que quer dizer que paga direitos de autor.

C: ***Como correu a venda dos teus três livros?***

MT: O primeiro livro que saiu, "do vagar e da memória", da Palimage Editores vendeu muito bem, mas ainda há exemplares. Mas uma edição de 500 livros é muito pouco. O segundo livro, "as palavras contidas", da Minerva, não terá tido tanta saída. O terceiro, "para além das coisas", também da Palimage Editores tem saído razoavelmente. Agora, tem de haver um grande esforço de promoção poor parte das editoras. Nestes três lançamentos nunca entregámos menos de 700 convites.

> **"...penso que há um diabinho ou um anjinho. Esperemos que seja um anjinho, a dizer: agora escreve poesia, escreve."**

C: ***Pensas que tudo depende do trabalho das editoras quando não se é conhecido?***

MT: Não. Tudo depende dos hábitos de leitura. Os portugueses não têm hábitos de leitura como, por exemplo, os espanhóis e por isso tem de haver muita militância pessoal. Falta uma política de sensibilização. Tudo começa na educação e o papel que o livro pode ter na escola.

Há ainda algum positivismo vigente, que tem tendência a mudar. Não basta os problemas da educação serem resolvidos pelo Ministério, que está lá em cima, quando quem está no terreno são os professores, que não podem mudar o modo de trabalhar com os alunos se não tiverem os meios e a motivação. Por outro lado, a família tem de ter condições de subsistência para depois poder gastar dinheiro em livros ou, pelo menos, pagar uma quota na biblioteca, quando a há.

C: ***Agora é a socióloga ou a poetisa a falar?***

MT: É sempre a mesma pessoa, temos é, de facto, diferentes sensibilidades e diferentes sentidos.

C: ***Nunca pensaste em fazer da escrita profissão?***

MT: Não, porque não tenho uma herança que me permita viver só desta actividade e, de facto, porque nunca optei pela profissionalização e porque nunca lutei por ela. Isto não quer dizer que eu não ache que em determinadas situações eu não deva ser remunerada, por exemplo quando canto. A dignificação das coisas passa, às vezes, também por isso.

C: ***A música é outra das tuas paixões?***

MT: E há mais ainda. Há a animação teatral. Eu fiz teatro dos 10 aos 25 anos. Estive ligada ao teatro amador e depois, em Lisboa, ao teatro Universitário, onde tínhamos como encenador o Paulo Filipe Gouveia Monteiro, que é aqui de Coimbra. Também fiz um curso de um ano no TEUC. E em Setembro de 97, fiz, em conjunto com alguns amigos, um espectáculo de rua a partir de um futuro livro meu, em que também cantei.

C: ***E na temporada que passaste em San Sebastian participaste na gravação de um CD.***

MT: Foi uma pequena colaboração.

C: ***Tendo concretizado a***

contenção

publicação de livros, por que não a gravação de um CD?

MT: Há projectos nesse sentido. Eu tenho um amigo, de há anos, que. me dizia que andava á procura de poemas e eu disse–lhe que andava à procura de músicos. Eu tinha muito menos trabalho e era muito mais fácil se a minha profissão fosse cantar. Apesar de tudo, não há actividade que me preencha mais.

C: ***Mais do que escrever?***

MT: Sim, mais do que escrever.

C: ***Como classificas a tua poesia?***

MT: Classifico-a como fala poética. Acho que tenho coisas intimistas, outras mais militantes, no sentido social da denúncia, porque a poesia é uma arma por excelência. Penso que os sentimentos, o espírito e o corpo estão sempre presentes.

Os textos mais pequeninos são os mais trabalhados, recortados, os de mais filigrama. Tenho textos grandes que não me satisfazem.

C: ***Achas que para se escrever poesia tem de se ter o dom da contenção?***

MT: Não sei se se tem de ter o dom, mas a poesia é a arte da contenção. Não se pode dizer tudo se não a poesia deixa de ser partilha para passar a ser uma cartilha.

C: ***A tua poesia tem alguma fonte de inspiração?***

MT: Isso é muito complicado. Ás vezes escreve–se a quente sobre coisas que vivemos.

Eu sou pelo consenso, mas também pelo conflito. É necessário desenquietar, mas também dar esperança.

Outras vezes escrevemos sobre coisas que observámos nos outros e parece que são tão nossas no papel. Outras vezes inventa–se.

Tem–me acontecido escrever textos que só entendo 10 anos depois ou então penso: mas se só agora é que eu vivi isto como é que eu já escrevi isto?

C: ***O que é a poesia, então? O que se procura, o que não se tem, ou o que se tem?***

MT: É isso tudo. Com o "sinto" sempre no meio, porque a poesia é sempre emoção.

C: ***O que achas da actividade cultural que se desenrola nesta cidade?***

MT: A faculdade da cerveja domina, mas há núcleos muito interessantes, nomeadamente ao nível da poesia. A Faculdade de Letras é um destes núcleos. Existem determinados bares como o 1910, onde as pessoas podem ir e ler poesia. Em torno da Rascunho há também um movimento muito interessante. São tendências que não são necessariamente conciliáveis, mas ainda bem, porque a poesia não é consensual.



Leitura de poemas , pela autora, na Quinta das lágrimas

C: ***Tens projectos para novos livros?***

MT: Tenho vários. Comecei com sete na manga e já tenho 10 manuscritos. Tenho várias hipóteses para serem o próximo a publicar ou o sinal anunciado do nascimento, a partir do qual já se fez um espectáculo de rua e agora a ideia é fazer um espectáculo num outro lugar e com músicos. Está entregue à Palimage Editores. Tenho outros como utopia da coragem, o viagra ideológico, os fermentos do tempo, e um outro projecto só de sonetos. O que eu penso é que os próximos livros são livros mais duros. Eu comecei, conscientemente, com do Vagar e da memória, que só falava dos afectos, para agora poder desenquietar. Eu sou pelo consenso, mas também pelo conflito. É necessário desenquietar, mas também dar esperança.

"Eu tinha muito menos trabalho e era muito mais fácil se a minha profissão fosse cantar. Apesar de tudo, não há actividade que me preencha mais que escrever."

C: ***A apresentação dos teus livros têm sido sempre um mote para um grande acontecimento. Porque é que tem sido assim?***

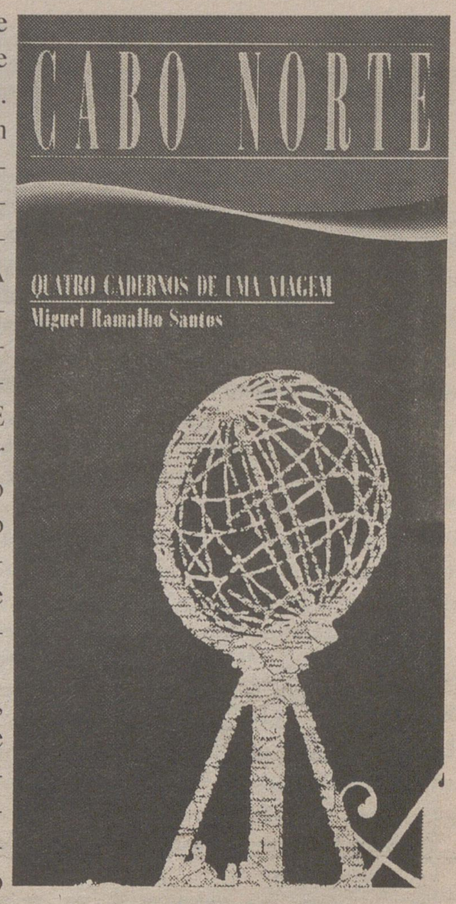
MT: Um livro é a ponta do iceberg de um projecto. Cada livro é preparado ao nível do vestuário, das palavras que se irão dizer no momento, que são diferentes do livro. Tudo é pensado de acordo com a mensagem. O momento de apresentação de um livro é um bom pretexto para um acontecimento cultural.

C: ***Que mensagem queres deixar aos nossos leitores para quem a escrita e a poesia são, também, uma paixão?***

MT: Cito um poeta que diz: "Para ser, sê inteiro. Nada teu exagera nem exclui."

Entrevista realizada por Rita Basílio

Diários do Norte



São raros os livros que chegam à redacção deste nosso jornal universitário. Os autores não acreditam que os livros que eles escrevem sejam lidos e criticados por nós, e por isso enganam–se redondamente. A nossa caixa de correio diariamente atafulhada de papel de jornal muito dificilmente nos surpreende. E podem mesmo acreditar que a nossa caixa do correio é a maior e a que recebe o maior número de correspondência apesar da chave que a abre ser bastante pequena.

Há já alguns meses, chegou–nos às mãos, de forma curiosa, um livro intitulado "Cabo Norte–Quatro Cadernos de Uma Viagem", de Miguel Ramalho Santos, e à partida desconhecíamos completamente o autor. No interior do livro há mesmo referências à cidade de Coimbra e a alguns lugares de confluência das "tribos" urbanas que este dizia gostar de frequentar.

Este autor, porventura bastante ligado à cidade de Coimbra, acaba de editar pelas edições Afrontamento um relato curioso de uma viagem solitária de "inter rail"ao Cabo Norte, na Noruega, onde efectuou algumas incursões de barco no norte da Europa, cruzando a Suécia, Noruega e Finlândia. Este é um livro que qualquer amante das viagens e bom "inter–railer" gostaria de ter escrito.

O que é que nos pode contar o inter–railer Miguel Ramalho Santos ? Certamente que escreveu nas estações, que adormeceu num país e acordou no outro, que contou os trocos que levava no bolso, que se sente uma sensação estranha quando nos sentimos tão longe de casa, que existem cidades e países que de tão bonitos se tornam assépticos e que estar entre os fiordes noruegueses à noite com a luz do dia, é mesmo uma recordação inesquecível.O que ninguém pode duvidar é de que estes relatos não sejam verdadeiros, pois Miguel Ramalho Santos esteve mesmo nos sítios onde escreveu ter estado.E sempre acompanhado de música nos ascultadores: Ride, Smiths, R.E.M, Nirvana, Stone Roses, Charlatans, James, U2, entre outros.

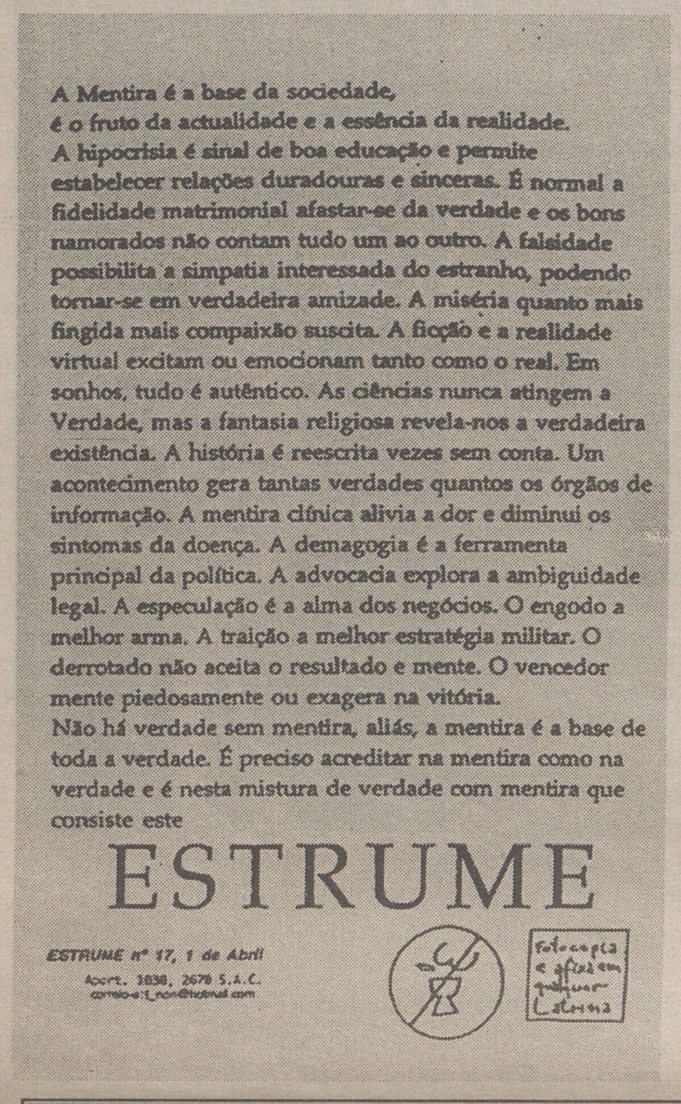
É curioso o relato da chegada do autor ao Cabo Norte e o que este escreveu na (pág 90) : (...) Foram os ingleses, na nau "Edward Bonaventure", em Agosto de 1553, qu baptizaram o Cabo Norte, ao tentarem encontrar uma passagem por norte para a China (acabaram por chegar a Moscovo e iniciar um comércio intenso Inglaterra/Rússia, sobretudo por causa da caça à baleia)...", seguindo–se seis páginas do "inter–railer", "junto ao fim do Cabo Norte" de difícil respiração e escrita complicada, mas deliciosos de ler.

"Cabo Norte- Quatro Cadernos de Uma Viagem" é um livro que todos os que se aventuram nos destinos do "Inter–Rail" gostariam de ter publicado enquanto narração tão livre e prolixa como este se apresenta aos olhos do leitor mais incauto. Este é, portanto, mais um precioso contributo para literatura portuguesa de viagens deste século e um óptimo companheiro de viagem a quem se pretenda aventurar pelo norte da Europa no próximo verão. Sobretudo, para aqueles que ainda não se contentam com o tamanho do mundo que nos é dado diariamente pela televisão e pela internet. É que o mundo, como nos escreve o Miguel no seu interessante livro, não encolheu mas aumentou ... para norte.

FN

P.S.: Na contracapa do livro descobre–se também que Miguel Ramalho Santos recebeu toda a sua formação académica em Coimbra, tendo–se licenciado em Biologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, que pertenceu ao TEUC e à R.U.C. e que foi baterista, letrista e compositor, de uma das bandas de culto da Coimbra como os "Los e o Mito".

Estrume: numa latrina perto de si



Na casa de banho mais próxima, poderemos deparar–nos com o "Estrume", que nas palavras do seu mentor, Miguel Vasconcelos, "é uma publicação de latrina", ideal para os momentos em que estamos a sós na casinha. Diariamente somos consumidos pela rotina da vida, ficando quase despojados de qualquer sensibilidade crítica face aos fenómenos sociais que nos tocam, por este motivo o WC é o lugar propício para a leitura do Estrume através do qual partirmos para uma reflexão filosófica profunda sobre o mundo.

O "Estrume" nasceu em Janeiro de 97, tendo todos os seus números origem na acesa discussão de um texto–base escrito por Miguel Vasconcelos. Este polémico texto é discutido por um grupo de pessoas, de início relacionados com o "Teatro Não", um grupo de teatro criado por aquele autor em Lisboa. A partir da discussão, Miguel Vasconcelos reescreve o texto e este é cristalizado em fotocópias por forma "a todos se apropriarem de texto como quiserem", aponta aquele autor. A partir daqui o texto é polvilhado pelas casas de banho públicas, privadas, pelos teatros, pelos museus, e pelas casas das pessoas através do correio. "É um texto para circular sem propriedade", exclama Miguel Vasconcelos.

Miguel Vasconcelos escolhe para temas do "Estrume" aquilo que o perturba, "como ponto de partida não como ponto de chegada", esclarece. "Quando escrevo estou mais preocupado em acalmar as minhas inquietações", mas quando o faz este autor escreve também para a sua geração. Na verdade, este escritor caracteriza a sua geração como "uma geração desorientada mas optimista e sobretudo activa, porque não fica em casa a reflectir como deveria ser o mundo, mas sai de casa e faz !" Por este motivo, o "Estrume" quando aborda a delinquência como um direito juvenil, a pedófilia como outra forma de amor, a vida como um jogo a dinheiro, a favela como um efeito arquitectónico criativo, a ciência como a religião do estado, tem precisamente como finalidade espicaçar a distracção das camadas mais jovens.

A leitura das pequenas fotocópias amarelas não deixa ninguém indiferente, pois aquela polémica abordagem das questões, carregada de pinceladas sarcásticas, tem como efeito um inicial ataque de riso contagiante, seguido de uma procura de referências e valores, culminando com uma reflexão profunda sobre o estado das coisas.

Quando se dirigir a uma casa de banho e encontrar pequenos papéis amarelos, sente–se, relaxe e questione : afinal, o que é o "Estrume"? Se, por ventura, tiver ao seu alcance um dicionário, ficará a saber que estrume é " aquilo com que se aduba a terra para a fertilizar, formado pelos detritos de ramos, palha, etc, misturados com os dejectos dos animais (in Dicionário Prático Ilustrado, Lello & Irmão - Editores. Todavia, Miguel Vasconcelos esclarece que "o estrume é uma coisa disforme mas informe, no sentido de que é um pouco desagradável mas muito fértil; é o substracto do que virá a seguir. " Se ainda assim a questão não for esclarecida, poder–se-à dizer que o "Estrume" é o efeito criativo da acção fertilizante do ESTRUME.

Susana Almeida

"Sou uma provocação!"

Miguel Vasconcelos, um irreverente e provocador jovem escritor, conta–nos de onde é, para onde vai, o que escreve, o que lê, com a sua particular posição de estar face à vida. Miguel Vasconcelos, revela–se como alguém que não hesita face ao pecado da soberba: " Há muito bons novos autores. Eu sou dos melhores! "

Nasceu em Lisboa há 28 anos, e desde então tem morado tanto na capital como em Vila do Conde, até que no início do presente ano lectivo uma peça de teatro intitulada " Lutas Académicas", um trabalho de longo fôlego que na altura começou a escrever, o trouxe à cidade dos estudantes onde decidiu ficar e acabar o seu curso de Línguas e Literaturas Clássicas.

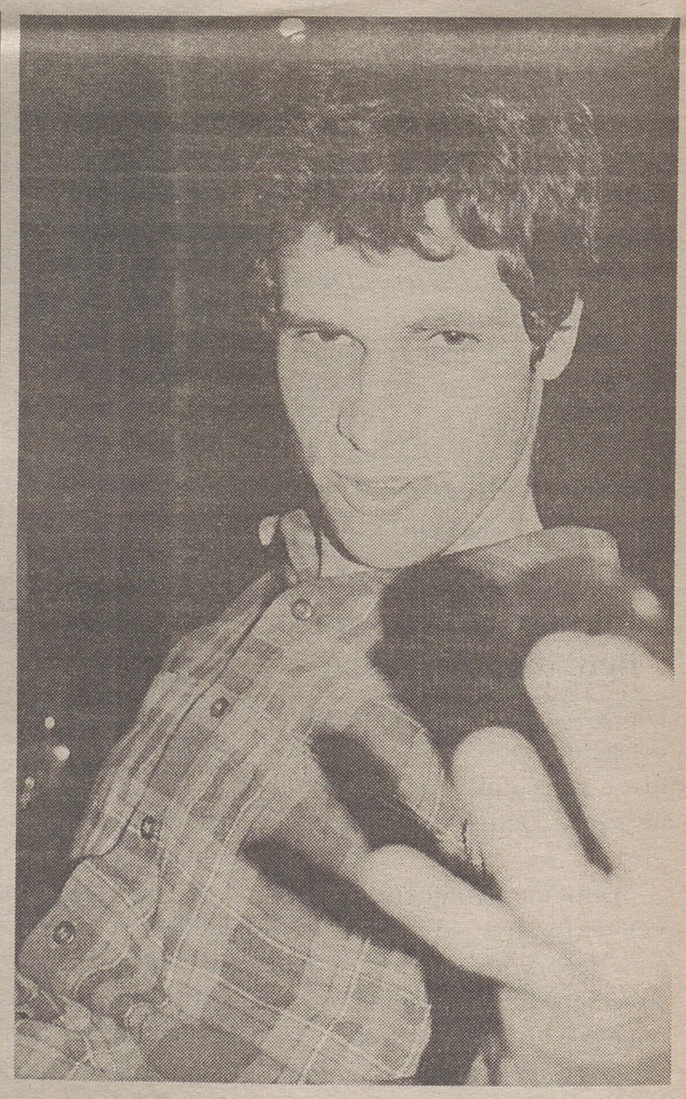
Na escola primária, questionavam a autoria dos seus textos e acusavam–no de plágio. Hoje, Miguel Vasconcelos é um verdadeiro diletante das letras, que insiste em não se enraizar em nenhum género literário específico, pois o que quer é escrever. Possui um longo e variado repertório de trabalhos escritos e editados que vão desde a colecção de "Estrumes (um ensaio filosófico de latrina) passando por poesia ou por contos já publicados em revistas, até guiões de cinema, que aguardam ser fixados na película, ou mesmo histórias de banda desenhada. Todavia, o que escreve profissionalmente é teatro e considera–se acima de tudo um dramaturgo. "Interessa–me muito mais o palco do que os livros" afirma, pois "tenho dificuldade em criar amizades com as editoras e, por outro lado, as companhias de teatro ou os grupos de dança são muito mais imediatos"

Contudo, o seu diletantismo traduz–se também nas leituras que faz , pois lê desde jornais a livros científicos, desde livros de direito a livros de filosofia, de romances a liturgia, mas nessa leitura está sempre á procura de ideias que lhe sirvam à escrita. Tem, porém, uma certeza quanto aos livros que selecciona: "acho que a literatura que se faz em Portugal ou em português é a que eu compreendo melhor e é a que eu mais gosto". Efectivamente, Miguel Vasconcelos considera que "antes de lermos os autores estrangeiros, deveríamos ler os que nos estão mais próximos, pois são uma espécie de ponto de partida para o mundo". Além disso, acredita que há muito bons autores portugueses, cujos trabalhos deveriam ser lidos antes dos trabalhos dos autores clássicos, uma vez que são esses escritores que suscitam uma maior vontade de discussão.

Apesar de, outrora, se ter identificado com várias ideologias políticas, neste momento, considera–se "acrófago, ou seja, alguém que não se identifica com o poder", o que lhe permite observar atentamente e de uma forma crítica os fenómenos políticos.

Face à vida, "sou uma provocação, não faço de propósito, mas não faço nada contra isso", afirma Miguel Vasconcelos. Este autor assume uma posição atenta e critica perante a sociedade e parece representar o papel de "O Parvo" de Gil Vicente, que num misto de ironia, insanidade mental e clarividência, apontava as virtudes e as vicissitudes da sociedade.

SA



Ficha Técnica
Directores: Adeodato Valente Pinto, Fernando Nunes **Director Gráfico:** Nuno Curado **Paginação:** Adeodato Valente Pinto, Ricardo Matos, Rui Justiniano **Redacção:** Ana Drago, André de Brito Correia, Andreia Gouveia, Bruno Ferreira, David Pereira Bastos, Eduardo Brito, Hugo Daniel Sousa, Hugo Ferreira, João Melo Alvim, José Carlos Santos, Pedro Silva, Rui Alves, Rosário Salvado, Sofia Branco, Susana Ribeiro, Tiago Maranhão **Colaboradores:** Ana Laura, Ana Pais, Anabela Gonçalves, Bruno Vale, Daniel Marinho Pires, Hélder Dantas, João Brás, José A. Mariz, Pedro Correia,Ricardo S. Salgado, Rita Basílio, Susana Almeida **Fotografia:** Eduardo Brito, Pedro Silva, Susana Ribeiro **Impressão:** Coraze, S.A.; **Tiragem:** 3000 exemplares **Produção:** Secção de Jornalismo da A.A.C.; **Propriedade:** Associação Académica de Coimbra; **Sede:** Rua Padre António Vieira **Telefone/Fax:** (039) 821554 **Agradecimentos:** Reitoria da Universidade de Coimbra, Serviços de Acção Social da Universidade de Coimbra e Estádio Universitário.

Revistas de teatro

Teatro de Bolso - Nº 0



Às portas do fim de século surge, finalmente, mais uma revista de Teatro. Mais uma vez por parte do Teatro Universitário_ o TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), inserindo–se na sua comemoração dos 60 anos, agora a caminho dos 61. Uma longa história de histórias por contar, às portas do segundo milénio.

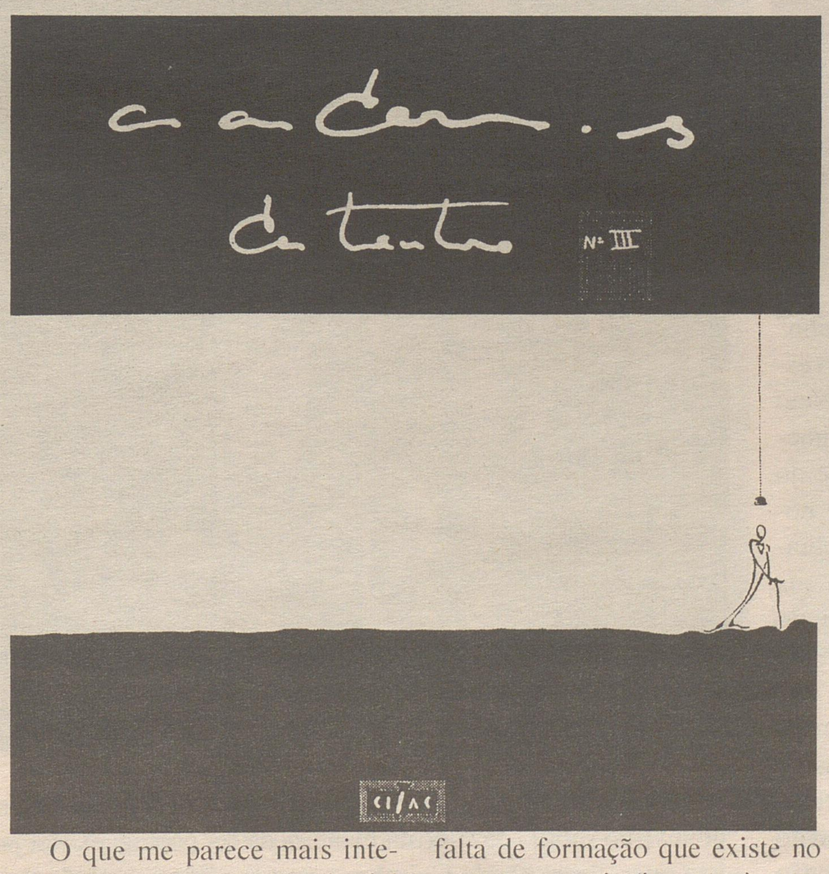
O panorama teatral das últimas décadas, ora por contingências de insuficiência económica, ora por despreocupação das próprias companhias, ministérios, fundações, ou até, da crítica especializada que pouco ou nada se discute sobre a arte de fazer, perceber e ver o teatro. A pouca discussão existente faz–se através dos programas das encenações que as companhias vão fazendo, alguns workshops, conferências e na crítica. De resto, só nos comentários do público à saída das salas de espectáculo. Saudável, mas insuficiente. Por um lado, queixamo–nos continuamente de ser uma sociedade "inculta" (seja lá o que isso quer dizer), que não se interessa pelas formas contestatárias que são a arte, ou porque não a percebemos, ou porque as próprias obras não evocam temas, controvérsias, problemas que nos preocupam. Por outro lado, sem uma análise do panorama daquilo que se faz nunca iremos perceber o estado em que nos encontramos. Durante o período pré–universitário, se não são os nossos pais, alguns professores didactas, provavelmente nunca iríamos ao teatro. Já na universidade, se não é não haver um jogo de futebol ou algum programa de discussão conceptual sobre a posição do árbitro em algum restaurante, no dia anterior ao jogo, ninguém vai ao teatro. Bem, lá se vai indo! Mesmo que, tantas vezes, se corra o risco de não gostar ou, talvez, não se saber sequer se valeu a pena, ou não. É por isso necessário educar o público a ver teatro, a saber ver teatro.

A revista "Teatro de Bolso" pode ser mais um início. A revista debruça–se especialmente em redor de uma das últimas produções feitas pelo grupo: a publicação da inédita "Versão Cénica Bodas de Sangue", e uma adaptação a partir d' "A Sapateira Prodigiosa" (uma encenação de Paulo Quintela, pelo TEUC em 1962), e ambas de Federico Garcia Lorca, bem como alguns textos que contextualizam a obra e o autor. Por outro lado, sendo um grupo, de longas histórias por contar, publica também uma parte delas (a integração de um capítulo a uma homenagem a Deniz–Jacinto, que em 1941 se havia tornado presidente do grupo (3 anos depois do nascimento de um dos únicos grupos de teatro do país_ o TEUC). Finalmente, debruça–se também, e pertinentemente, sobre os estatutos do Teatro Universitário. Tendo tido organizado um "Forum–Debate" onde se reuniram membros de todos os grupos universitários, apresenta as conclusões que daí advieram. Muito saudável, tendo em conta que, no estado em que estavam as coisas, nem o Ministério da Educação, nem o da Cultura, se disponibilizavam sequer a ouvir as propostas dos grupos.

A revista vale um pouco por tudo isto. Fica–nos, no entanto, uma vontade de mais. O facto de ser o n.º 0 talvez o justifique. Penso que não seria desagradável, antes, seria mesmo frutuoso que o TEUC nos ofertasse uma discussão mais direccionada para o que é fazer teatro, ou melhor, para a sua forma específica de construir, de interpretar e de fazer o seu teatro. Aqui, tornar–se–ia interessante abordar esse teatro em todas as diversas áreas que o compõem, da interpretação de textos às técnicas de evocação, do desenho de luz à cenografia, da análise da obra às pretensões de evocação. Numa palavra, a processualidade que é o teatro, onde o espectáculo é apenas a sua efeméride consumação. Nós esperamos para ver... e ler.

Ricardo S. Salgado

Cadernos do Citac - Teatro para formar



O que me parece mais interessante neste projecto editorial do CITAC é a forma como se propõem em descrever o Processo da Criação Teatral. A grande falta de formação que existe no teatro português (inerente à crescente confusão entre o teatro profissional e amador) "vai–se adquirindo 'em exercício'" (Eugénia Vasques, Expresso 31/12/98). Ou seja, grande parte da produção teatral é feita sem uma verdadeira problematização dos métodos/ processos de criação, sem uma devida responsabilização de todas as partes que compõem o todo do espectáculo teatral. Daí que saliento neste nº 3 dos "Cadernos de Teatro" a preocupação em descrever a feitura do trabalho teatral em todas as suas vertentes: desde o trabalho de dramaturgia à afinação dos projectores; desde o olhar fotográfico ao questionamento do espaço cenográfico.

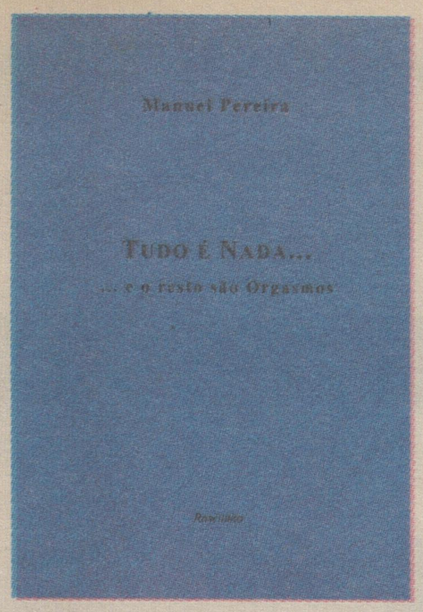
Assiste–se actualmente a um excessivo protagonismo da autoria e da encenação na cena teatral portuguesa. Quando falo em autoria não quero dizer que atravessamos um período de rica produção na escrita para teatro. É o contrário que se passa. O que existe é um grande número de autores (muitos deles já falecidos) e textos dramatúrgicos instituídos e um predomínio do controle do Encenador em concretizar esses textos no palco. A publicação, em tempo real, das reflexões e dos métodos levados a cabo pelos vários intervenientes na criação teatral é importante, a meu ver, como forma de profilaxia em relação ao poder concentracionário atrás referido. Um espaço que congregue os vários saberes do fazer teatro assegura, a médio e longo prazo, a instrução daqueles que fazem teatro e daqueles que o observam (o público); eleva o grau de exigência de qualidade na medida em que um público informado e instruído acerca de uma determinada prática é mais exigente em relação à mesma.

Em linhas gerais é este aspecto formativo que mais saliento no nº 3 dos Cadernos do CITAC. No entanto, tenho algumas ressalvas a fazer do ponto de vista da edição em si. Se do ponto de vista gráfico há algumas limitações que poderão ser apontadas mas explicadas à luz de limitações técnicas e financeiras que transcendem o grupo editorial, o mesmo não posso dizer acerca de outras limitações que se prendem com a organização e apresentação dos textos e conteúdos. Quem é o Casimiro Pop Rock e onde se encontram as entrevistas extraviadas? Algumas entrevistas pecam pela superficialidade e esperava obter mais informações sobre o teatro em Coimbra do que aquelas que são por já mais evidentes (porventura mais não poderia ser dito a 45 rotações e porventura o teatro em Coimbra é só mesmo a 45 rotações - quais são as peças que se aguentam mais de 3 dias em cena?). Em suma, relevo algumas questões que carecem de um maior aprofundamento. Aspectos que certamente não serão difícieis de resolver no futuro nº 4...

José António Mariz

Os Livros qu

"A Cabra" foi à porcura dos que escrevem, dos que editam e dão a ler aos outros o q
nas consequências disso. A maior parte deles são desconhecidos e não estão muito preocu
escrita. Há também quem cite de cor o verso de Mário de Sá Carneiro para defender a s
não há maior desgosto / nem há maior vilania", e às vezes basta umas fotocópias agrafada
para deixar de acreditar em imaginar outro
O nosso jornal continua a divulgar o trabalho dos que gostam de arriscar novas linguag
do, e talvez assim cumprir o destino que nos cabe: dar a conhec



Manuel Pereira:
"Tudo é Nada....e o resto são Orgasmos"

Editora Rascunho, pp.48

Esta "análise" do livro de Manuel Pereira começa por uma dissecação (é mais uma adulteração..) do título. Relembrando o primeiro verso do poema "Ulisses" de Fernando Pessoa, proponho um pastiche que se manifesta da seguinte maneira: " O mito [Orgasmo, neste caso..] é o nada que é tudo".

Esta obra divide–se em duas partes distintas. Na primeira, o poeta debate–se com uma visão antitética de várias realidades e abstracções, onde é nítido a influência pessoana. Aqui, envolvemo–nos com uma verdadeira panóplia de incertezas, solidões e uma busca desesperada pela verdade existencial. Em Vazio Interior, surge–nos um cenário fantástico, quase gótico (lembra o nosso querido MAGIC: The Gathering).

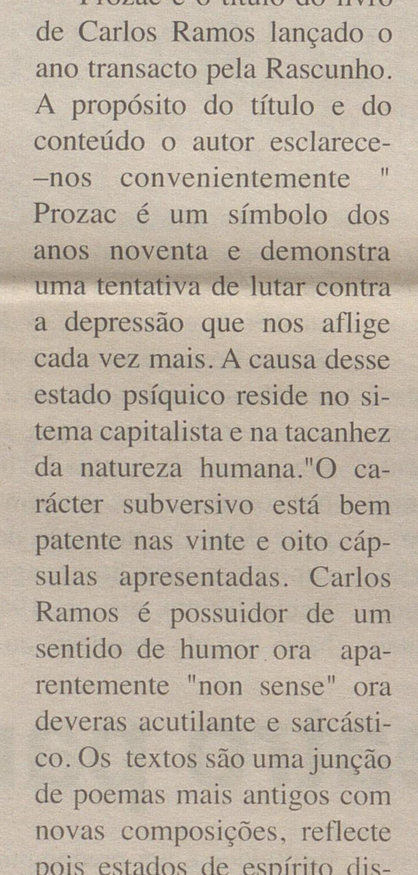
Em Orgulhosamente Só, debruçamo–nos sobre o alheamento poético dos versos: "Eu pertenço ao mundo/daqueles que não têm mundo neste mundo" (alusão feita ao Movimento dos Sem Terra). Na sua visão acerba do mundo decadente, onde reina uma "irracionalidade", o poeta grita em voz muda:"Sou eu o animal individual por excelência./Sem qualquer noção de espécie ou raça.."

Reduzido a um tom eufórico(?!), ele vai buscar a inspiração do deus Baco ao jurar eterna fidelidade ao néctar divino: "Viva o vodka!/Maravilhosa anestesia!" Continuando o seu refúgio na vodka, afirma na segunda parte da obra:"...bebamos uma garrafa de vodka/ e sonhemos, abandonados".

Contudo nem tudo na vida é um mar de rosas e, assim sendo, "Cozinha corações puros em sangue de virgem. Delicia–te com a pureza de refeição, redentora de todo o pecado" Ai que chocante!!...Até parece que estamos num concerto dos Iron Maiden. Não posso ler mais!...

Encerrando o livro, o poeta adopta uma filosofia hedonista em que é preciso "um coração, uma cabeça e algum tesão" para sobreviver um bacanal tipo ménage à trois ou uma relação "ideal" a dois.

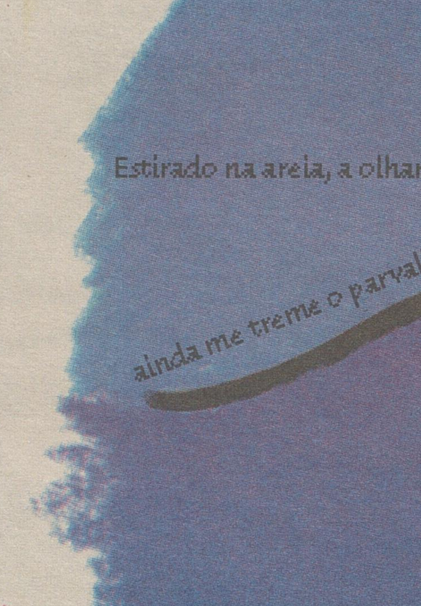
Helder Silva Dantas

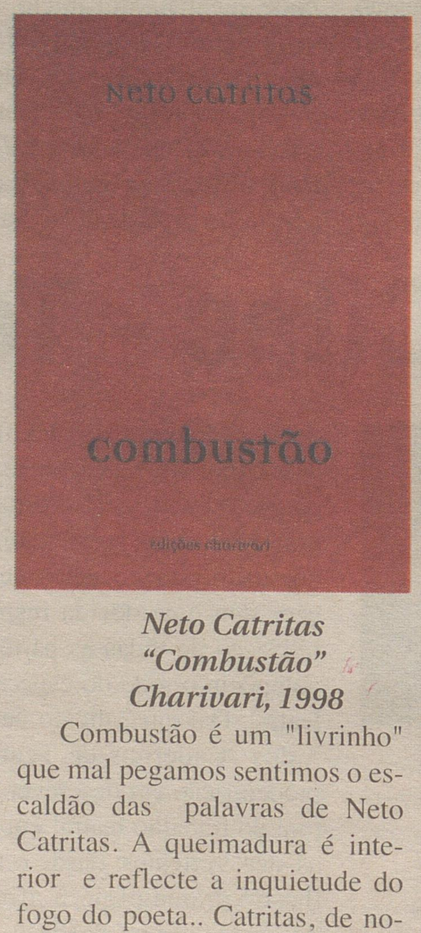


Prozac
Carlos Ramos
Rascunho, 1998

Prozac é o título do livro de Carlos Ramos lançado o ano transacto pela Rascunho. A propósito do título e do conteúdo o autor esclarece–nos convenientemente " Prozac é um símbolo dos anos noventa e demonstra uma tentativa de lutar contra a depressão que nos aflige cada vez mais. A causa desse estado psíquico reside no sitema capitalista e na tacanhez da natureza humana."O carácter subversivo está bem patente nas vinte e oito cápsulas apresentadas. Carlos Ramos é possuidor de um sentido de humor ora aparentemente "non sense" ora deveras acutilante e sarcástico. Os textos são uma junção de poemas mais antigos com novas composições, reflecte pois estados de espírito dispares. Carlos Ramos tem no seu curriculum participações nos Cadernos Absinto , na Revista da AmarArte e esteve mais recentemente envolvido no 3º Encontro Internacional de Poetas. Actualmente Carlos Ramos está às terças feiras no bar 1910 em sessões de poesia semanais.A substância proporciona uma agradável ingestão oral , quanto aos efeitos secundários são por conta do paciente.

José Carlos Santos





Neto Catritas
"Combustão"
Charivari, 1998

Combustão é um "livrinho" que mal pegamos sentimos o escaldão das palavras de Neto Catritas. A queimadura é interior e reflecte a inquietude do fogo do poeta.. Catritas, de nome emprestado do avô, explicita melhor que ninguém a sua obra: "é um pequeno opúsculo de um falso incendiário, traído pelas gralhas oceânicas que nunca se detectam nos computadores. " Em formato minusculo, Combustão é um manifesto pela paixão contra o sentimento de perda. Após uma leitura não demorada, o pequeno libelo, segundo o próprio Neto Catritas, é para queimar. "Afinal para que servem as palavras ?"

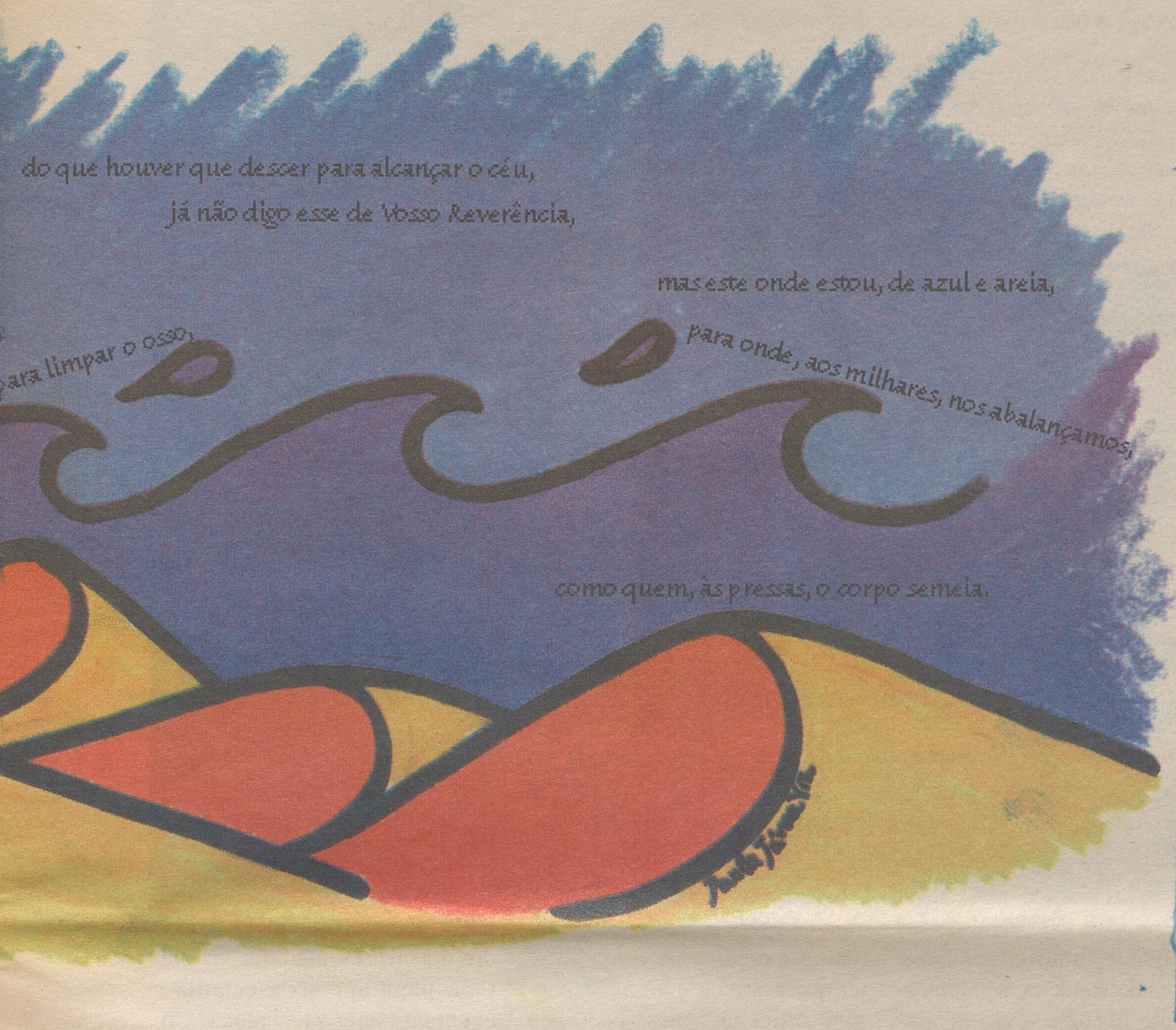
JCS



"O Segredo de Coimbra" tem como autor Etienne Schréder e é uma visão subtil da suposta maneira de ser portuguesa (seja lá o que isto quer dizer), tendo Coimbra como cenário e um belo desenho da Sé Nova a abrir o àlbum. Este livro de banda desenhada dá–nos a conhecer a cidade do Mondego (é Coimbra, não é ?), a sua universidade e a colecção de máquinas que mobiliza o enredo, combinando história, ficção, mito, realidade e ilusão, aparência e verdade.

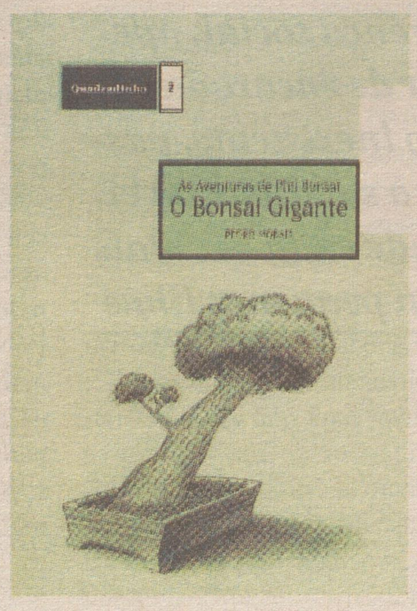
ue se editam

que gostam de escrever. E descobriu que ainda há ainda quem escreva sem pensar muito upados em vender os livros que escrevem nem tão pouco pensam em viver mais tarde da sua forma de estar na vida: "Ganhar o pão do seu dia / com o suor do seu rosto.../ - Mas las e umas capas grossas para imitar os livros que gostariam de editar, o que não é razão ros mundos, outras letras, novas palavras.
agens, dos que preferem a palavra amador como alguém que tem amor às coisas do mun- ecer as palavras e as imagens que os outros gostaram de criar.

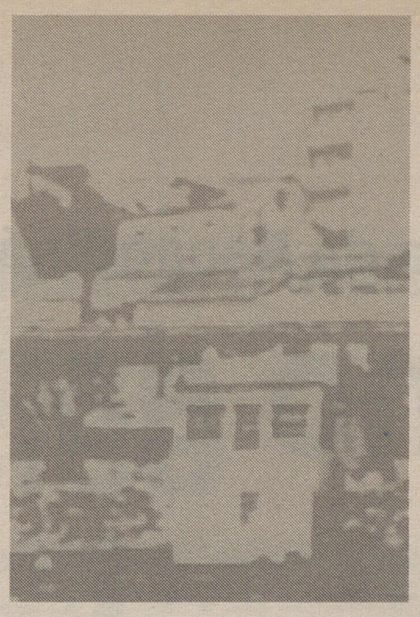




"As Cidades Obscuras", a célebre série de Schuiten e Peteers, motivou um fantástico colóquio intitulado "As Cidades Visíveis", cuja mirabolante organização pertenceu a João Miguel Lameiras e João Miguel Ramalho. O resultado é um interessante visita dos autores da série à cidade de Coimbra para uma conferência, da qual podemos agora testemunhar nesta belíssima edição dos Cadernos da Bedeteca.



"O Bonsai Gigante" é uma edição da editora Quadradinho do autor Pedro Morais. Pedro Morais há muito que trabalha na ilustração e a edição de "O Bonsai Gigante–As Aventuras de Phil Bonsai " é mais um passo no percurso iniciado por este no mundo da B.D.



Jorge Melícias
"O Tempo de Foaron"
Editora A Mar Arte,pp.37

Integrado na colecção O Reino dos Loucos, esta obra de Jorge Melícias está publicada numa capa maravilhosa de cartão reciclado. Mas o que é realmente especial encontra–se nas folhas interiores - o conteúdo poético dos seus poemas impressos em papel para nosso regalo lírico.

Aqui, aborda–se vários assuntos, mas o cerne da obra situa–se na trilogia: noite, terra e mar. O mar com as suas anémonas, medusas e dunas. A terra de sementes, serras e caminhos e, por último, a noite com as suas cassiopeias, "aves lunares" e luas. Fundimo–nos com estes poemas porque "Éramos magníficos seres aquáticos,/convictos prisioneiros da efémera beleza das medusas.". Perturbante (ou será consolador?) é a omnipresença temática do silêncio. O silêncio das nossas almas, das nossas palavras e o silêncio que pairava nos ares enquanto Foaron falava.

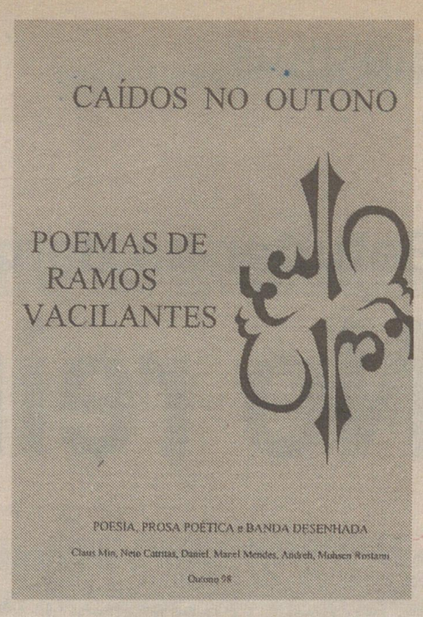
O mundo de Melícias é minado pela "hegemonia da sombra" onde o negro é a cor onde repousa as outras cores. Tem de ser assim, porque o mundo sem penumbra ficará despido. A sombra harmoniza–se com a morte que "não é mais que um hábito sazonal" e surge–nos, ameaçador e obscuro, apenas quando "...a noite principiava na cesura da memória".

O poema é o "adiado naufrágio da noite" que reclama sair do olvido e do desapego mortificante. E Foaron, um ente místico e misterioso, dizia que "..o nosso destino será sempre o passo/ que ficou para trás" Depois, a luta instala–se com os antagónicos luz e sombra, sol e noite, a procurarem possuir o direito sobre a vida e a morte.

Em "O Tempo de Foaron" relembramos a nossa antiga condição de vagueadores há milénios atrás. Percorríamos "as álgidas planícies da tundra" e "irmanámo–nos com a morte e com os pântanos" inculcando a nossa marca na terra com sangue e gelo. Hoje, tudo mudou e nós esquecemos a nossa origem, o ovo donde nascemos, a nossa "remota consanguinidade"

Destino amargurado é o do poeta. Amaldiçoado a viver sem absolvição e a aprender a morrer devagarinho. Ao ser feliz na vida, adiou a poesia e, fazendo isto, adiou–se para sempre.

HD



Vários
Caídos no Outono "Poemas de ramos vacilantes", 1998

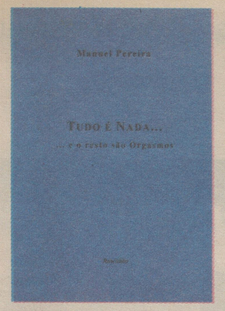
Uma das características próprias da poesia "subterrânia " são os fanzines . Nas margens do Mondego a marginalidade dos fanzines está viva, a prova disso mesmo é a edição de "Caídos do Outono", um fanzine de poesia, prosa poética e banda desenhada. Neste caderno encontramos um livre devaneio pelos pensamentos de escritores marginais da Lusa Atenas. Luis Simões, Claus Min, Manel Mendes, Andreh, Daniel, Neto Catritas, Daniel e Mohsen Rostami são os colaboradores desta edição. O organizador deste fanzine é Mohsen Rostami , que já vai no terceiro caderno . A primeira aventura ocorreu em Maio por alturas da Queima das Fitas com a edição de um conjunto de pomas da sua auroria intitulado "Oceano"."Janelas de papel" foi o título do segundo caderno de escritos de Mohsen Rostami. No Outono passado as folhas caídas foram o mote para o terceiro fanzine de pemas, desta vez o coordenador juntou textos e BDs de artistas marginais conimbricenses. O ímpeto criativo de Mohsen brotou após aleitura de textos de Baudelaire, tal como o poeta francês, o jovem poeta procura atingir o próximo "através do meu universo tentando levar o leitor pela minha mente e mostrar no meu interior o mundo da pessoa." A escrita de Mohsen começou por ser mais naturalista para se tornar mais política e interventiva. O maior estímulo para o autor "é a aventura de contactar directamente com as pessoas ao mostrar a revista, sendo uma experiência de grande valor humano". Para o futuro fica a vontade de continuar com novas formas de expressão, no horizonte está a aposta numa revista poliglota.

JCS

Os Livros que se editam

"A Cabra" foi à porcura dos que escrevem, dos que editam e dão a ler aos outros o que gostam de escrever. E descobriu que ainda há ainda quem escreva sem pensar muito nas consequências disso. A maior parte deles são desconhecidos e não estão muito preocupados em vender os livros que escrevem nem tão pouco pensam em viver mais tarde da escrita. Há também quem cite de cor o verso de Mário de Sá Carneiro para defender a sua forma de estar na vida: "Ganhar o pão do seu dia / com o suor do seu rosto.../ - Mas não há maior desgosto / nem há maior vilania", e às vezes basta umas fotocópias agrafadas e umas capas grossas para imitar os livros que gostariam de editar, o que não é razão para deixar de acreditar em imaginar outros mundos, outras letras, novas palavras.

O nosso jornal continua a divulgar o trabalho dos que gostam de arriscar novas linguagens, dos que preferem a palavra amador como alguém que tem amor às coisas do mundo, e talvez assim cumprir o destino que nos cabe: dar a conhecer as palavras e as imagens que os outros gostaram de criar.



Manuel Pereira:
"Tudo é Nada....e o resto são Orgasmos"

Editora Rascunho, pp.48

Esta "análise" do livro de Manuel Pereira começa por uma dissecação (é mais uma adulteração..) do título. Relembrando o primeiro verso do poema "Ulisses" de Fernando Pessoa, proponho um pastiche que se manifesta da seguinte maneira: " O mito [Orgasmo, neste caso..] é o nada que é tudo".

Esta obra divide–se em duas partes distintas. Na primeira, o poeta debate–se com uma visão antitética de várias realidades e abstracções, onde é nítido a influência pessoana. Aqui, envolvemo–nos com uma verdadeira panóplia de incertezas, solidões e uma busca desesperada pela verdade existencial. Em Vazio Interior, surge–nos um cenário fantástico, quase gótico (lembra o nosso querido MAGIC: The Gathering).

Em Orgulhosamente Só, debruçamo–nos sobre o alheamento poético dos versos: "Eu pertenço ao mundo/daqueles que não têm mundo neste mundo" (alusão feita ao Movimento dos Sem Terra). Na sua visão acerba do mundo decadente, onde reina uma "irracionalidade", o poeta grita em voz muda:"Sou eu o animal individual por excelência./Sem qualquer noção de espécie ou raça.."

Reduzido a um tom eufórico(?!), ele vai buscar a inspiração do deus Baco ao jurar eterna fidelidade ao néctar divino: "Viva o vodka!/Maravilhosa anestesia!" Continuando o seu refúgio na vodka, afirma na segunda parte da obra:"...bebamos uma garrafa de vodka/ e sonhemos, abandonados".

Contudo nem tudo na vida é um mar de rosas e, assim sendo, "Cozinha corações puros em sangue de virgem. Delicia–te com a pureza de refeição, redentora de todo o pecado" Ai que chocante!!...Até parece que estamos num concerto dos Iron Maiden. Não posso ler mais!...

Encerrando o livro, o poeta adopta uma filosofia hedonista em que é preciso "um coração, uma cabeça e algum tesão" para sobreviver um bacanal tipo ménage à trois ou uma relação "ideal" a dois.

Helder Silva Dantas

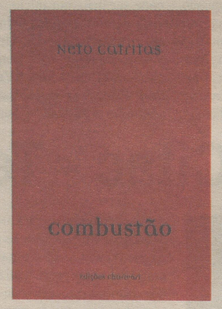


Prozac
Carlos Ramos
Rascunho, 1998

Prozac é o título do livro de Carlos Ramos lançado o ano transacto pela Rascunho. A propósito do título e do conteúdo o autor esclarece–nos convenientemente " Prozac é um símbolo dos anos noventa e demonstra uma tentativa de lutar contra a depressão que nos aflige cada vez mais. A causa desse estado psíquico reside no sitema capitalista e na tacanhez da natureza humana."O carácter subversivo está bem patente nas vinte e oito cápsulas apresentadas. Carlos Ramos é possuidor de um sentido de humor ora aparentemente "non sense" ora deveras acutilante e sarcástico. Os textos são uma junção de poemas mais antigos com novas composições, reflecte pois estados de espírito dispares. Carlos Ramos tem no seu curriculum participações nos Cadernos Absinto , na Revista da AmarArte e esteve mais recentemente envolvido no 3º Encontro Internacional de Poetas. Actualmente Carlos Ramos está às terças feiras no bar 1910 em sessões de poesia semanais.A substância proporciona uma agradável ingestão oral , quanto aos efeitos secundários são por conta do paciente.

José Carlos Santos

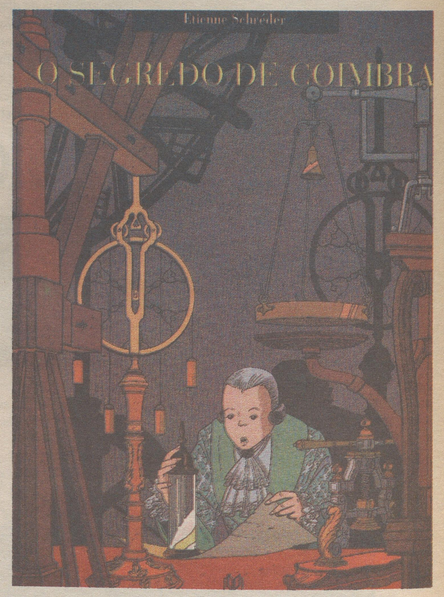




Neto Catritas
"Combustão"
Charivari, 1998

Combustão é um "livrinho" que mal pegamos sentimos o escaldão das palavras de Neto Catritas. A queimadura é interior e reflecte a inquietude do fogo do poeta.. Catritas, de nome emprestado do avô, explicita melhor que ninguém a sua obra: "é um pequeno opúsculo de um falso incendiário, traído pelas gralhas oceânicas que nunca se detectam nos computadores. " Em formato minusculo, Combustão é um manifesto pela paixão contra o sentimento de perda. Após uma leitura não demorada, o pequeno libelo, segundo o próprio Neto Catritas, é para queimar. "Afinal para que servem as palavras ?"

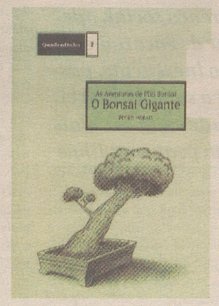
JCS



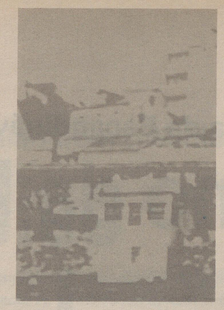
"O Segredo de Coimbra" tem como autor Etienne Schréder e é uma visão subtil da suposta maneira de ser portuguesa (seja lá o que isto quer dizer), tendo Coimbra como cenário e um belo desenho da Sé Nova a abrir o àlbum. Este livro de banda desenhada dá–nos a conhecer a cidade do Mondego (é Coimbra, não é ?), a sua universidade e a colecção de máquinas que mobiliza o enredo, combinando história, ficção, mito, realidade e ilusão, aparência e verdade.



"As Cidades Obscuras", a célebre série de Schuiten e Peteers, motivou um fantástico colóquio intitulado "As Cidades Visíveis", cuja mirabolante organização perteceu a João Miguel Lameiras e João Miguel Ramalho. O resultado é um interessante visita dos autores da série à cidade de Coimbra para uma conferência, da qual podemos agora testemunhar nesta belíssima edição dos Cadernos da Bedeteca.



"O Bonsai Gigante" é uma edição da editora Quadradinho do autor Pedro Morais. Pedro Morais há muito que trabalha na ilustração e a edição de "O Bonsai Gigante–As Aventuras de Phil Bonsai " é mais um passo no percurso iniciado por este no mundo da B.D.



Jorge Melícias
"O Tempo de Foaron"
Editora A Mar Arte,pp.37

Integrado na colecção O Reino dos Loucos, esta obra de Jorge Melícias está publicada numa capa maravilhosa de cartão reciclado. Mas o que é realmente especial encontra–se nas folhas interiores - o conteúdo poético dos seus poemas impressos em papel para nosso regalo lírico.

Aqui, aborda–se vários assuntos, mas o cerne da obra situa–se na trilogia: noite, terra e mar. O mar com as suas anémonas, medusas e dunas. A terra de sementes, serras e caminhos e, por último, a noite com as suas cassiopeias, "aves lunares" e luas. Fundimo–nos com estes poemas porque "Éramos magníficos seres aquáticos,/convictos prisioneiros da efémera beleza das medusas.". Perturbante (ou será consolador?) é a omnipresença temática do silêncio. O silêncio das nossas almas, das nossas palavras e o silêncio que pairava nos ares enquanto Foaron falava.

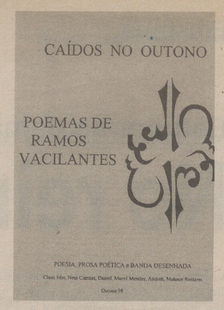
O mundo de Melícias é minado pela "hegemonia da sombra" onde o negro é a cor onde repousa as outras cores. Tem de ser assim, porque o mundo sem penumbra ficará despido. A sombra harmoniza–se com a morte que "não é mais que um hábito sazonal" e surge–nos, ameaçador e obscuro, apenas quando "...a noite principiava na cesura da memória".

O poema é o "adiado naufrágio da noite" que reclama sair do olvido e do desapego mortificante. E Foaron, um ente místico e misterioso, dizia que "..o nosso destino será sempre o passo/ que ficou para trás" Depois, a luta instala–se com os antagónicos luz e sombra, sol e noite, a procurarem possuir o direito sobre a vida e a morte.

Em "O Tempo de Foaron" relembramos a nossa antiga condição de vagueadores há milénios atrás. Percorríamos "as álgidas planícies da tundra" e "irmanámo–nos com a morte e com os pântanos" inculcando a nossa marca na terra com sangue e gelo. Hoje, tudo mudou e nós esquecemos a nossa origem, o ovo donde nascemos, a nossa "remota consanguinidade"

Destino amargurado é o do poeta. Amaldiçoado a viver sem absolvição e a aprender a morrer devagarinho. Ao ser feliz na vida, adiou a poesia e, fazendo isto, adiou–se para sempre.

HD



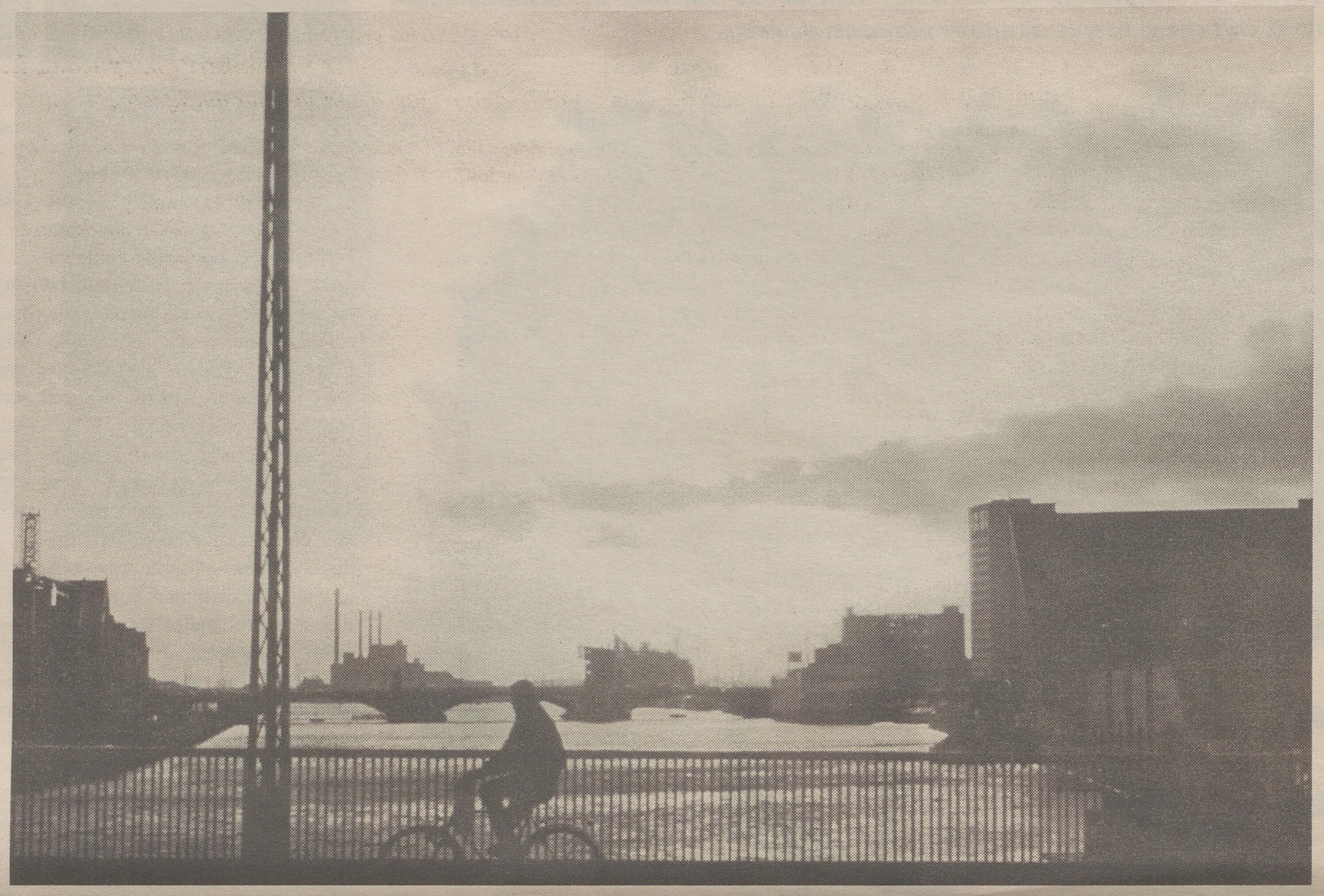
Vários
Caídos no Outono "Poemas de ramos vacilantes", 1998

Uma das características próprias da poesia "subterrânia " são os fanzines . Nas margens do Mondego a marginalidade dos fanzines está viva, a prova disso mesmo é a edição de "Caídos do Outono", um fanzine de poesia, prosa poética e banda desenhada. Neste caderno encontramos um livre devaneio pelos pensamentos de escritores marginais da Lusa Atenas. Luis Simões, Claus Min, Manel Mendes, Andreh, Daniel, Neto Catritas, Daniel e Mohsen Rostami são os colaboradores desta edição. O organizador deste fanzine é Mohsen Rostami , que já vai no terceiro caderno . A primeira aventura ocorreu em Maio por alturas da Queima das Fitas com a edição de um conjunto de pomas da sua auroria intitulado "Oceano"."Janelas de papel" foi o título do segundo caderno de escritos de Mohsen Rostami. No Outono passado as folhas caídas foram o mote para o terceiro fanzine de pemas, desta vez o coordenador juntou textos e BDs de artistas marginais coimbricenses. O ímpeto criativo de Mohsen brotou após aleitura de textos de Baudelaire, tal como o poeta francês, o jovem poeta procura atingir o próximo "através do meu universo tentando levar o leitor pela minha mente e mostrar no meu interior o mundo da pessoa." A escrita de Mohsen começou por ser mais naturalista para se tornar mais política e interventiva. O maior estímulo para o autor "é a aventura de contactar directamente com as pessoas ao mostrar a revista, sendo uma experiência de grande valor humano". Para o futuro fica a vontade de continuar com novas formas de expressão, no horizonte está a aposta numa revista poliglota.

JCS

Estudar na dama da Escandinávia através do Sócrates

No reino da Dinamarca



O programa Sócrates (ainda em transição de Erasmus) é uma boa estratégia. O importante é a escolha do destino, a partir daquilo que podemos contar. Por um lado, pela pré–imaginação que fazemos da cidade a escolher, por outro, pela informação daquilo que o departamento que nos vamos inserir pode oferecer. Sucintamente, pela experiência do encontro com um outro que, no meu caso, se reporta às terras do mar do Báltico, em Copenhaga: a dama da Escandinávia.

A escolha da cidade é produzida com os fragmentos de informação que obtemos, a maior parte das vezes comprimida em estereótipos, como "Copenhaga - Capital do Sexo" (mesmo que camuflada pela popularidade que a epítome tem para Amestardão) ou "Os nórdicos são frios e fechados". Uma pessoa instala–se e percebe por fim como se fabricam essas generalizações, feito mapa da vida dos outros lá ao longe.

A razão do primeiro estereótipo deve–se a um integrado e laborioso plano urbanístico da cidade, pelo facto de Vestebrø ser um bairro próximo do centro e albergar de uma forma imiscuída hotéis turísticos e de negócios; "lojas de conveniência" para as compras after–eight, sob a tutela de Turcos (ou serão Curdos), todos eles fortunados pela autorização de residência - não fossem os bigodes ser à priori a declaração da suspeita de honestidade. De facto, mostram–se de grande utilidade, uma vez que é proibido vender álcool que não nos bares depois das oito da noite. E a isto tudo juntam–se as luminosas e cintilantes Sex Shops, sempre apelativas (mesmo que para vegetarianos). E também os junkies com os dealers, não fosse onde estarem uns passarem os outros. É como se a vida da rua chamasse a rua da vida. Pois a primeira coisa que os turistas vêem depois do pequeno–almoço das 7:30 é uma série de senhoras exuberantes já de calço partido, a correr por entre as vitrines de esculturas exuberantes de várias cores, feitios e tamanhos, atrás da última dose da madrugada. Surgindo desta forma a generalização "Capital do Sexo".

Quando se passa da representação do mapa para nos estendermos pelo interior da cidade deparamos connosco a elaborar outros julgamentos sob toda a expectativa criada. Copenhaga apresenta–se então como uma dama - a dama da Escandinávia. Aí, o nosso olhar é metamorfoseado por uma outra sensibilidade. Depara–se com uma cidade de passeios de bicicleta por entre esquadrias de planos modernistas onde a diferença social, apesar de encarada como inexistente, passa a subdividir a cidade cada vez mais em pequenas ilhas. É nelas que nos deparamos com a verdadeira cidade. Uma cidade onde tudo se vira para o interior. Desde os cafés iluminados por velas, recriando os pequenos micro–climas da presença do frio, a passar pela insuficiência das longas janelas de fachadas uniformes, de elas não bastarem para fazer as pessoas olhar para fora. E sobretudo, a dificuldade em se desenvolver a intimidade de relações potencialmente duradouras. Ora por contingências de se ser um outro, não saber falar a língua, e apenas residir na cidade por um ano, ora mesmo que sarapateando por todas as ambiências em tons de pseudo–autóctone.

Os Dinamarqueses mostram–se um povo agarrado a si mesmo muito pelas beneficências de um Socialismo capaz de se tornar num docinho de chocolate, ao proporcionar acesso aos bens primordiais da construção de uma sociedade: reprodução, saúde, educação e cultura. E isto pela salvaguarda de uma economia–modelo no reino da Europa_ não fosse terem petróleo, estarem na União Europeia mas não terem compactuado com a livre circulação de bens. E fazem–no com uma eficiência invejável, no que diz respeito ao modelo vigente em operar com o formalismo_ aquilo que faz a máquina da bandeira, sempre esvoaçante por um vento persistentemente poderoso, avançar. E pela evidência de não terem uma revolução à 400 anos, rapidamente nos apercebemos que o povo consente com as medidas políticas para a construção da sua sociedade ideal. Que em várias áreas da vida, confesso, é-o. De notar aqui que as únicas reivindicações de rua que houve enquanto lá estive foram dos skinheads/anti–skinheads e das lésbicas. Apercebi–me, então, que a contrapartida de um excelente nível de vida passa por uma certa apatia em relação ao espirito crítico empreendedor da renovação feito processo de constante (re)construção. Como se não tivessem "paixão". E que também, conjugado com o facto de, apesar de não serem mal–educados, como um amigo meu me dizia, eles não têm é educação_ por tudo ser possível, a troco de se ter que acarretar com as responsabilidades inerentes. Tudo isto tem o outro lado da moeda, o facto de ser um país em que a taxa de divórcios e de suicídios arrepia qualquer um na chegada do novo ano. Como se o Inverno diluísse o invejável estilo de vida. Como se já não houvesse lugar para o consentimento.

uma cidade de passeios de bicicleta por entre esquadrias de planos modernistas onde a diferença social, apesar de encarada como inexistente, passa a subdividir a cidade cada vez mais em pequenas ilhas

Se faz frio cá fora, os habitantes de Copenhaga (pouco mais de 1/3 da população do país) mostram–se exímios em aquecer o espírito com os multivariados usos de uma cidade onde resplandece o bom gosto, mesmo que não seja politicamente correcto a exaltação através do gabanço. Tornando–as por isso pessoas discretas e por vezes de difícil apreensão, no seu interior. Frios?_ perguntar–se-á. Prefiro dizer que é o termómetro da cidade que o alerta. Pois o espírito aquece com os mais de 100 museus existentes na cidade; uma biblioteca com mais de 4,5 milhões de livros; suporte informático e acesso à internet por toda a cidade; música, teatro e cinema para todos os gostos; uma vida nocturna que inveja qualquer Escandinavo com uma imensidão de bares acolhedores, como se convidasse inevitavelmente a um copo. Aconselhável, portanto. Mesmo que perigoso, considerando os custos que tudo isto implica.

O programa Sócrates fornece uma bolsa que é igual ao valor diferencial do nível de vida dos dois países, algo que, na prática, paga apenas a estadia e eventualmente as viagens. Conheço, no entanto, uma colega de Manchester que recebeu uma bolsa de igual valor à minha. É caso para perguntar se a Inglaterra tem um nível de vida igual ao de Portugal? Se o programa é uma boa estratégia pela experiência do contacto inter–cultural, devo no entanto prevenir que obriga a um investimento pessoal no que diz respeito à obtenção de informação precisa das cadeiras que se vai leccionar, bem como à realização de um plano de estudos que contemple as potenciais equivalências_ algo nem sempre fácil, tendo em conta que o modo de funcionamento dos departamentos estrangeiros nem sempre possibilitam operar–se como o nosso departamento o faz. Talvez seja necessário haver uma maior flexibilidade para o funcionamento burocrático inter–departamentos (e faculdades correspondentes), no que diz respeito, por exemplo, ao processo de equivalências, tendo em conta que se valoriza o intercâmbio em termos de valor académico. Sejam por isso, prudentes..

Apressem–se a fazer as malas e a apanhar o avião. Porque o risco vale. Quando voltarem, aí concerteza irão perceber porquê...

O desejo de uma boa viagem.

Ricardo S. Salgado

Associações Académicas abandonam reunião com o Ministro da Educação

Dialogar foi preciso

Influenciado pela moção "Falar é preciso" de Manuel Alegre, Marçal Grilo convidou as Associações Académicas para uma reunião, mas o reatar do diálogo esquecido durou apenas duas horas. Irritados com a intrasigência do ministro em aplicar a Lei de Financiamento os estudantes cortaram definitivamente as palavras com o ministério e marcaram já uma manifestação para o Dia do Estudante.

Foi na passada sexta–feira, em Caparide, que o Ministro da Educação se voltou a encontrar com os dirigentes associativos, após ter aceite a ordem de trabalhos definida pelos estudantes como condição para o aceitar do encontro. O documento que apresentava como primeiro ponto a discussão da revogação da LQFES e propostas de soluções alternativas foi o modo encontrado pela AAC e pela FAP (Federação Académica do Porto) de contrariar anteriores deliberações que cortavam todo e qualquer diálogo com o governante. Segundo o presidente da AAC, Hugo Capote, "só lá fomos porque de algum modo estava implícito que iamos falar de revogação e para não sermos acusados de intrasigência, já que por decisão da última Ass.Magna tinhamos retirado a confiança ao ministro".

A reunião ficou, no entanto, marcada pelo abandonar da sala por parte das académicas do Porto, Coimbra, Beira Interior, Évora e Minho e ainda algumas associações dissidentes de Lisboa descontentes com o caminho a que o ministro estava a conduzir a reunião. Após duas horas de argumentação estudantil e contra–argumentação ministerial sobre a Lei, "prolongar a reunião seria implicitamente aceitar a LQFES", considerou o presidente da AAC. Hugo Capote defendeu a posição estudantil afirmando que "ou se discute as coisas na lógica do ministro ou não se discute, mas nós temos uma posição de coerência a manter, não é por a Direcção–Geral ter mudado que a nossa posição tem que mudar, desde 1991 que a nossa posição é coerente". Ainda que "com os números que o ministro apresenta, os argumentos estudantis sejam facilmente desmontados" como garante o dirigente de Coimbra que afiança " a diferença entre as informações que as Secretarias, os Serviços Sociais e o próprio CRUP (Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas) nos fornecem e aquelas de que o ministro dispõe" como a principal causa das realidades distintas que cada um dos lados pretende fazer passar.

Numa reunião em que Marçal Grilo tomava contacto, pela primeira vez, com os novos dirigentes associativos, após o período eleitoral que se viveu na maior parte das academias portuguesas, seriam estes a marcar o protagonismo. De facto, Miguel Pinto, recém–eleito presidente da academia portuense e o próprio Hugo Capote foram os primeiros dirigentes a abandonar a reunião, seguidos de mais de metade das academias presentes. O recém empos-sado presidente da AAC referiu a este propósito que"aumentaram as acade-mias que cortaram relações com o ministro devido à sua atitude, o que de certo modo legitima ainda mais a nossa contestação". Neste sentido, está já marcada uma manifes-tação nacional, dia 24 de Mar-ço, e o regresso do Congresso dos estudantes provavelmente em Junho. (Ver caixa)

Quem ficou, porém, foi a Associação Académica de Lisboa, que através do seu presidente, Rui Godinho, negociou com o ministro algumas benesses para os seus estudantes. Recusando–se a seguir a estratégia dos seus companheiros a AAL conseguiu do ministro um acordo para a instituição de um passe especial nos transportes colectivos de Lisboa e inclusivé, o arranque da Cooperativa de Habitação de Estudantes na capital através da disponibilização de terrenos para o efeito por parte da Câmara e com intervenção do Ministério.

Instado a comentar a posição da associação lisboeta Hugo Capote classificou-a de "vergonhosa, já que se deslocaram a uma reunião nacional apenas para pedir benefícios para a sua academia isoladamente". Salienta, o presidente da AAC, que "essa é a grande diferença entre a nossa academia e as outras, não admito que abdiquemos das nossas convicções por um passe de transporte ou mesmo pela de cooperativa de habitação que tanto nos falta". "Isso é um boicote governamental à Academia de Coimbra por mantermos a mesma postura" afirmou.

Adeodato Valente Pinto



Marçal Grilo e Hugo Capote: perspectivas diferentes para o ensino superior

Académicas pretendem apresentar alternativas à LQFES

A luta continua

Definitivamente cortado o diálogo com o Ministério da Educação as Associações Académicas pretendem voltar a aquecer a contestação, "ainda mais legitimada após a atitude do Ministro" como garante Hugo Capote. Assim, oito associa-ções académicas (incluindo a AAC e a FAP) convenciona-ram já o dia 24 de Março, dia do estudante, para a realização de uma manifestação nacional. Falta apenas a aprovação inter-na em certas academias onde as deliberações cabem a outros or-gãos que não os dirigentes, a Ass. Magna no caso de Coim-bra.

Há, no entanto, que precaver a mobilização para que não se assista a uma Manif igual à do passado mês de Dezembro em que apenas 1000 estudantes se deslocaram à capital, e por isso as Associações Académicas pensam também na realização de um vídeo promocional da causa estudantil. Este vídeo, um projecto ainda em estudo, serviria essencialmente para alertar a opinião pública dos argumentos académicos mas também para anteceder a acção de rua.

Acção mais calma, porém, é a que a AAC e a FAP pretendem realizar ao apresentar uma série de soluções alternativas à actual Lei Quadro do Financiamento. A idealização de um projecto–lei alternativo está, por agora, fora de questão, já que segundo Hugo Capote "não cabe aos estudantes legislar, mas sim ao governo e à Assembleia da República", e é por isso que "não vamos fazer um articulado, mas apenas apresentar soluções". Estas soluções pretendem ser o resultado de "um apanhado das realidades europeias adaptadas ao nosso sistema" primeiro, fruto de uma série de reuniões entre os estudantes e algumas instituições e personalidades extra–académicas como a FENPROF (sindicato de professores afecto ao PCP), e mais tarde de "um debate interno nas academias, antes de se apresentar o resultado final ao país" explica o presidente da AAC. Neste sentido, o presidente da FAP, Miguel Pinto, deslocou–se inclusivé, no fim de semana passado, a Paris a fim de se inteirar da realidade estudantil francesa onde estes problemas são geralmente discutidos através do sindicato de estudantes aí existente.

.AVP

O velho Avenida

O actual cine–teatro Avenida teve um passado. Pedro Mendes de Abreu recupera cerca de três décadas de memórias enquanto dono e administrador da antiga sala de cinema. "Se eu não conheço o Avenida duvido que alguém o conheça. Eu conheço-o desde sempre"



Quem olha hoje para o complexo comercial da Avenida Sá da Bandeira, só a custo se consegue lembrar de uma antiga fachada de fim–de–século, reduzida a pó já na década de 80. Quem nunca chegou a conhecer o antigo edifício não pode imaginar que ele foi durante muito tempo a sala de espectáculos dos estudantes. Porém, Pedro Mendes de Abreu retoma, de memória, as dimensões, os cheiros e a cor do antigo Avenida. Tinha oito anos quando ficou, junto com a mãe, a "tomar conta" duma grande sala de cinema pela qual pagavam a renda mensal de 10 contos. Porém, o imóvel já estava ligado há algumas décadas ao nome da sua familia. No passado, o seu bisavô tinha ajudado a edificar um teatro–circo chamado "Príncipe Real" que só se passou a chamar Avenida a seguir à implantação da República. Depois de um descalabro financeiro e da venda do cine–teatro a duas entidades bancárias, já só depois do 25 de Abril é que o negócio regressou às mãos da família.

Ao longo de cerca de 30 anos, Pedro Mendes de Abreu lembra–se de toda uma mão–cheia de histórias. Lembra–se do processo de projecção ser feito através da combustão de dois carvões, um positivo e um negativo, e lembra–se de um velho projeccionista que "por gostar muito da pinga" nunca acertava com os pólos do carvão. Porém, quase todos os episódios se relacionam, antes de mais, com a vida académica coimbrã. Nos anos 50, a geral superior do cine–teatro ficava praticamente por conta dos estudantes. Era aí que ficavam os lugares mais baratos e além disso eram os mais propícios a observações. "Era mais pitoresco. Eles estavam lá em cima e por isso estavam mais à vontade para os seus comentários", explica Mendes de Abreu. Uma das observações famosas foi–lhe contada pelo pai e data da altura em que apareceu o "cinemascope": "Foi num filme em que entrava uma actriz muito popular nessa época que era a Gina Lollobrigida e que para aquela altura usava decotes muito razoáveis. Um estudante, numa das projecções, sai–se com esta: - Pois é, vocês estão aí em baixo, mas eu aqui de cima é que vejo tudo!"

Outro comentário engraçado de que se lembra passou–se durante a exibição do "Lawrence da Arábia". Pedro Mendes de Abreu recorda: "às tantas, com tanto deserto, um estudante grita: - Por amor de Deus abram as portas que tenho os pés cheios de areia!". Um outro episódio pitoresco passou–se quando a certa altura se deu uma derrocada e entrou um pedregulho muito grande pela sala dentro. Surpreendentemente, ninguém se assustou nem ninguém entrou em pânico. "Poucos devem ter dado conta do acidente - explica o antigo dono do Avenida- é que estava a passar um filme pornográfico!"

Desde sempre o cine–teatro Avenida foi "a sala onde todos os acontecimentos se davam" . Mesmo depois da construção do Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV) "um número maioritário de estudantes não ia ao Teatro Académico por uma razão política concreta já que, na altura da conclusão do TAGV, durante o regime, o governo exigiu que a gestão daquela sala pertencesse à Reitoria ou ao Ministério da Educação. Nunca se pôs a hipótese dos estudantes gerirem aquilo, daí que tivesse ficado decidido em Assembleia Magna que os estudantes não iam ao Gil Vicente. E durante anos isto se passou."

A alternativa passava então pela preferência do Avenida. Mesmo os saraus da Queima das Fitas tinham lugar no palco do cine–teatro. " Durante os três anos em que não houve Queimas, a primeira que houve, ainda muito a medo por causa das represálias, mesmo essa foi no Avenida".

Porém, nem sempre foram pacíficas as relações dos estudantes com o antigo cine–teatro. Pedro Mendes de Abreu lembra por exemplo um famoso boicote ao aumento de preços de bilhetes: "Os estudantes fizeram uma célebre deslocação à Figueira da Foz para ver um filme, só para não virem aqui ao Avenida". Noutra ocasião, na época das Latadas, houve uma outra crise grave. O que acontecia era que a direcção havia adoptado o costume de, durante a Festa das Latas, deixar entrar gratuitamente no cinema os estudantes das Faculdades de Medicina, Direito, Ciências e Letras. Isto acontecia à quarta e ao sábado de duas semanas consecutivas. Ao todo, por quatro vezes. A primeira Latada, de quarta–feira, correu como o previsto, porém, no sábado "o senhor das bilheteiras, espertalhão, começou a vender os bilhetes que estavam previamente destinados aos estudantes. Isto desencadeou uma greve em que, durante quase um ano, não foi um único estudante ao cinema. Só voltaram a ir depois de negociações duríssimas, na altura conduzidas por mim e pela minha mãe, que se traduziram em descontos face à apresentação de cartão da Universidade"

Porém, com o passar dos anos o Avenida ia envelhecendo e em meados da década de 70 as obras eram urgentes. Depois de dois incêndios graves, um dos quais numa lotação esgotada de Woody Allen, iniciaram–se uma série de inspecções e vistorias. Pedro Mendes de Abreu comprometeu–se a reestruturar o edifício mas quando percebeu que o custo da obra iria atingir montantes incomportáveis fez uma proposta de venda à Câmara Municipal. A autarquia não comprou o imóvel mas deu luz verde à apresentação de propostas para a remodelação do espaço. Foi por esta altura que Pedro Mendes de Abreu se viu obrigado a ceder. Não conseguiu evitar a destruição do velho imóvel e ainda hoje sente alguma culpa: "Nós fizemos variadíssimas tentativas no sentido de não o deitar abaixo mas há factos que são irreversíveis e este é um deles, embora tenha algum peso na consciência. Foi com grande mágoa para mim e para a minha família que assistimos à demolição do antigo Avenida".

Susana Ribeiro

Coimbra vai contar com mais e melhores espaços desportivos

Estádio Universitário remodelado

O Estádio Universitário de Coimbra tem vindo a sofrer ao longo dos tempos benefeciações muito lentas, devido essencialmente aos parcos recursos financeiros ao seu dispôr, mas, neste momento, com a celebração do protocolo de financiamento das unidades anexas, entre a Universidade de Coimbra e o Governo, vai ser possível avançar finalmente com alguns projectos que já existiam "no papel". Vai igualmente ser iniciada a construção do tão desejado parque desportivo do Pólo II.



EUC/Arquivo

No início do próximo milénio o Estádio oferecerá já novas condições aos seus utentes.

Depois do projecto de remodelação do Campo de Santa Cruz e da anunciada construção de um parque municipal pela Câmara Municipal de Coimbra (CMC), é chegada a vez do Estádio Universitário de Coimbra (EUC) ser remodelado e de se avançar com a construção do parque desportivo do Pólo II da Universidade de Coimbra (UC).

O EUC conta actualmente com um estádio principal relvado com bancadas; três campos em terra batida, sendo um para a prática de rugby e os outros dois para o futebol; vários pavilhões cobertos e diversos campos de ténis, em piso rápido e em pó de tijolo, entre outras instalações. De momento está ligado ao treino, ao ensino e ao desporto de rendimento, com a realização de provas escolares , universitárias e federadas.

Os utilizadores do Estádio Universitário são as Escolas Silva Gaio e Jaime Cortesão, as faculdades ligadas à universidade, as secções desportivas da Associação Académica de Coimbra (AAC), a Casa do Pessoal da UC e, globalmente, os alunos e docentes universitários.

Segundo o director do EUC, Dr. António Cabral Fernandes, "uma das orientações da Universidade é manter o Estádio aberto à comunidade, aliás, é uma das condições do protocolo celebrado com o Governo". "Há uma grande lacuna em Coimbra, que é a de não haver programas desportivos dirigidos aos universitários, não só os de rendimento desportivo, mas também as chamadas actividades radicais , informais e de animação." O único problema para o Dr. Cabral Fernandes é que não há espaços desse tipo na ciadade. "A vantagem que o Estádio Universitário tem, é que já possui infraestruturas, que com pouco dinheiro e muita facilidade podem ser transformadas de modo a criar essas condições."

Remodelação do Estádio

O projecto agora apresentado foi elaborado pelo arquitecto Gonçalo Bilro, e prevê a asfaltagem de toda a zona central do Estádio, com uma pista exterior de corrida, que vai servir para atletismo, patins e inclusivé para cadeiras de rodas; a instalação de equipamentos de ar livre, basket de rua, um campo de vólei de praia e um ringue polivalente descoberto; uma sala de musculação de cardio–fitness; a recuperação da tribuna; o melhoramento do piso da pista de atletismo e um relvado a ser feito entre o pavilhão III e a sala de karaté. Vai também ser construido um snack–bar, que com a colaboração dos Serviços de Acção Social (SASUC), vai servir refeições rápidas, resolvendo assim o problema de algumas secções que treinam até mais tarde.

Em relação à actividade desportiva que mais receitas dá ao Estádio Universitário, o ténis, vão ser recuperados os três campos em piso de pó de tijolo, a construção de um quarto campo e, numa última fase, a cobertura de todos eles.

O projecto mais imediato, que já está a ser implementado e que até ao final deste mês vai estar executado, é o da circulação de pessoas e de veículos, que vai dar origem a uma zona central rigorosamente pedonal, com entrada proibída a veículos. Nesse local vão ser colocados diversos equipamentos de rua, que vão ser complementados com sistemas de vigilância.

O financiamento desta remodelação vai ser feito com as verbas do protocolo de financiamento das unidades anexas da UC, em conjunto com o "famoso" dinheiro das propinas, o qual já foi distribuído, mas ainda não foi disponibilizado ao Estádio Universitário, porque o Senado da UC considerou que este não tem um regulamento. Ora, segundo o Dr. Cabral Fernandes, "o regulamento é fácil de fazer, a questão mais polémica será, talvez, definir as prioridades do Estádio". Do protocolo já referido, vai receber para já, segundo o seu director, "157 mil contos, com o senão de haver uma redução da dependência em relação ao Orçamento de Estado, porque o Estádio tem um orçamento que advém das várias faculdades da Universidade ". " Com esta perspectiva escolhemos projectos em que haja retorno de financiamento".

Está–se também a analisar a recuperação do pavilhão I, que é o mais degradado, mas ainda não se conseguiu financiamento.

Pólo II

Quanto ao parque desportivo do Pólo II da Universidade de Coimbra, nas palavras do Dr. Cabral Fernandes, "o projecto elaborado pelo arquitecto Camilo Cortesão está muito equilibrado, apesar das limitações de construção de edificações de apoio, pois vão ser aproveitadas algumas casas da antiga quinta".

O projecto prevê apenas actividades ao ar livre, a que não é alheia a sua boa localização junto ao rio Mondego. Está prevista a construção de duas pistas de radiomodelismo, uma em asfalto e outra em terra; um campo de baseball e um pequeno campo de rugby para complemento do existente no Estádio Universitário. O parque vai ter igualmente uma grande zona relvada e uma ligação ao rio, para a prática de desportos náuticos.

Para o director do EUC, o único problema é que o projecto devia ser discutido entre a CMC e a Universidade, pois "não faz sentido que o parque municipal seja construído junto ao do Pólo II".

Pedro Silva

Rugby - Estudantes imparáveis

No melhor jogo do Campeonato 1998/99, os vice–campeões do GD Direito saíram derrotados por cinco pontos (29-24) do campo da Académica.

A Académica começou mal o jogo, estando aos 3 minutos a perder por sete pontos, graças a um ensaio de Afonso Alegre, convertido por Martim Tomé.

A este mau início não terá sido alheia a ausência de alguns atletas importantes da AAC, lesionados, o que se traduziu num nervosismo inicial por parte de toda a equipa.

A Académica reagiu aos 7 minutos por Eduardo Correia, igualando a partida. A partir deste momento "viveram–se" trinta minutos espectaculares. Aos 13 Aguilar (Direito), numa boa iniciativa, marca um ensaio, que parece precedido de falta sobre Murray Cox. Aos 15 minutos Ricardo Nunes iguala outra vez o marcador, e Joe Ricciardo, aos 21, aumenta a vantagem para cinco pontos. Até ao final da 1ª. parte, os "pretos" passaram por sérias dificuldades, mas conseguiram ir para os balneários com o resultado favorável de 19-14.

A 2ª. parte começou da melhor maneira para a Académica, com uma penalidade convertida por Cox. No entanto, Martim Tomé, que se revelou o melhor jogador do Direito e um dos melhores em campo, marca uma penalidade aos 12 minutos, relançando assim o encontro.Verificou–se então uma enorme vontade de vencer por parte das duas formações, traduzida numa luta aguerrida a meio–campo. Neste período foram fundamentais para a AAC, o seu treinador–jogador e antigo campeão do mundo, Andy Earl, e o australiano Ricciardo, que rubricou uma excelente exibição.

Aos 27 minutos Ricardo Vieira marca mais um ensaio para os estudantes, e mesmo em cima dos 80, mais uma vez Martim Tomé marca, e converte um ensaio para o Direito.O resultado fixou–se em 29-24.

PS

BREVES RESULTADOS

BOXE

Após uma interrupção de duas décadas, o boxe regressa à AAC pela mão de Miguel Alexandre (Migo), que foi campeão de pesados em 1993 e 1994.

A primeira participação desta nova secção aconteceu no dia 30 de Janeiro no Torneio de Abertura da Associação de Boxe de Aveiro, registando duas vitórias, pelos atletas José Moreira (-81 kg) e Eduardo Pinto de 13 anos.

HALTEROFILISMO

Realizou–se em Coimbra, no dia 30 de Janeiro, o 1º. Torneio de Qualificação, organizado pela Secção de Halterofilismo da Académica. A AAC fez–se representar pelos atletas júniores, Bruno Almeida (-56 kg) e Valter Fernandes (-94 kg) e pelo sénior Fernando Pimenta (-77 kg). Todos eles obtiveram o 1º. lugar nas respectivas categorias.

KARATÉ

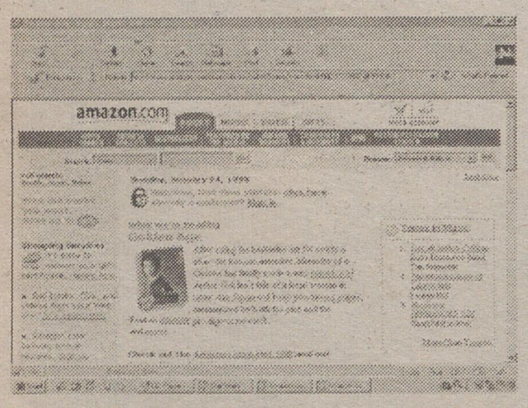
Vai–se realizar nos próximos dias 13 e 14 o II Estágio de Inverno, organizado pela Secção de Karaté da AAC em conjunto com a Associação Portuguesa de Karaté Shotokan. Vai ter lugar no pavilhão III do Estádio Universitário de Coimbra, e conta com a participação de Keinosuke Enoeda, 8º. Dan da Japan Karate Association. As inscrições deverão ser feitas na Sala de Karaté do Estádio Universitário.

artes

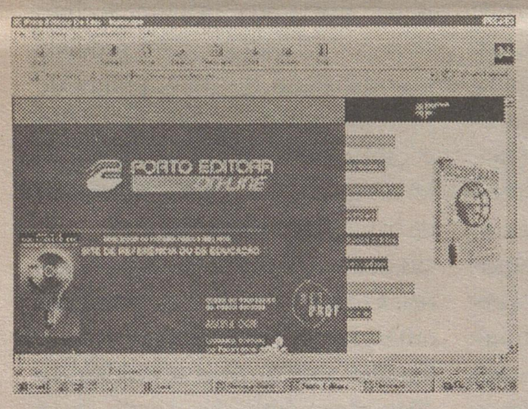
LIGUE-SE

CyberCabra

Esta semana focamos a nossa atenção, principalmente, em páginas sobre livros e edições online. A primeira é a página da Amazon (www.amazon.com), um site de vendas pela Web que se gaba de ter mais de 4.7 milhões de livros, CDs, jogos de computador e DVDs todos acompanhados pelas suas respectivas críticas e um local onde os cybernautas podem deixar os seus próprios comentários aos livros ou CDs favoritos (ou mais detestados).. Dentro deste género também se enquadra

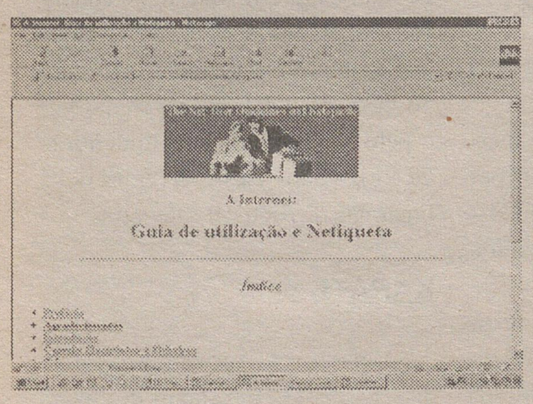


o site da Bookwire (www.bookwire.com) que também contém imensos livros e críticas, infelizmente a mediocridade ou quase inexistência deste tipo de sites em Portugal apenas torna digno de destaque a página da Porto Editora (www.portoeditora.pt) que tem, para além das últimas novidades em livros, um dicionário online e o Rumos Digital que é um jornal aberto para onde se podem enviar noti-



cias, reportagens e reflexões sobre temas e problemas da "Escola portuguesa".

Para concluir, e porque o uso da Internet tem muito que se lhe diga, temos a página de "Netiqueta" (www.esoterica.pt/newbie/netiqueta). A formulação desta página foi motivada pela necessidade de se criarem regras reguladoras da utilização dos diversos serviços na Internet e para que os utilizadores reconheçam



o potencial da Internet como uma fonte de informação acessível por todos. No entanto, é necessário que cada um tenha em conta que é responsável pela maneira como acede e transmite informação na Internet, e este site indica–nos exactamente o que devemos ou não fazer como utilizador da Rede.

Rui Alves

OUVE-SE

Talvin Singh - Ok

Ok, do you want something simple?

Chegou até nós no último mês de 1998 e foi prontamente considerado como um dos trabalhos do ano ... depois de ouvido atentamente percebe–se porquê!

Se Talvin Singh fosse realizador de cinema e "ok" o seu último filme, podíamos dizer que os universos entre o documentário da National Geografic e os mais desenvolvidos efeitos especiais de uma película de ficção científica tinham ido juntos à bola e "Ok" poderia ganhar três nomeações para as estatuetas douradas: uma para melhor documentário, outra para melhores efeitos especiais e a última para melhor filme.

Mas "ok" é um disco e, por sinal, muito bem conseguido. Parte da recolha de ritmos tribais familiares ao mundo da world music e e encaixa tudo no contexto mais actual das programações e das novas tendências da música de dança, mostrando–nos que o futuro é inovar, sintetizando, a partir do que nos é dado.

Este aluno de Trilok Gurtu (músico indiano conhecido pela sua percussão e que colaborou com Maria João e Mário Laginha, no trabalho "Cor") tanto é conhecido pelo seu trabalho como DJ(recorde-se a compilação ANOKHA), como pelo facto de ser um excelente tocador de tablas (no âmbito da música indiana clássica e folclórica).

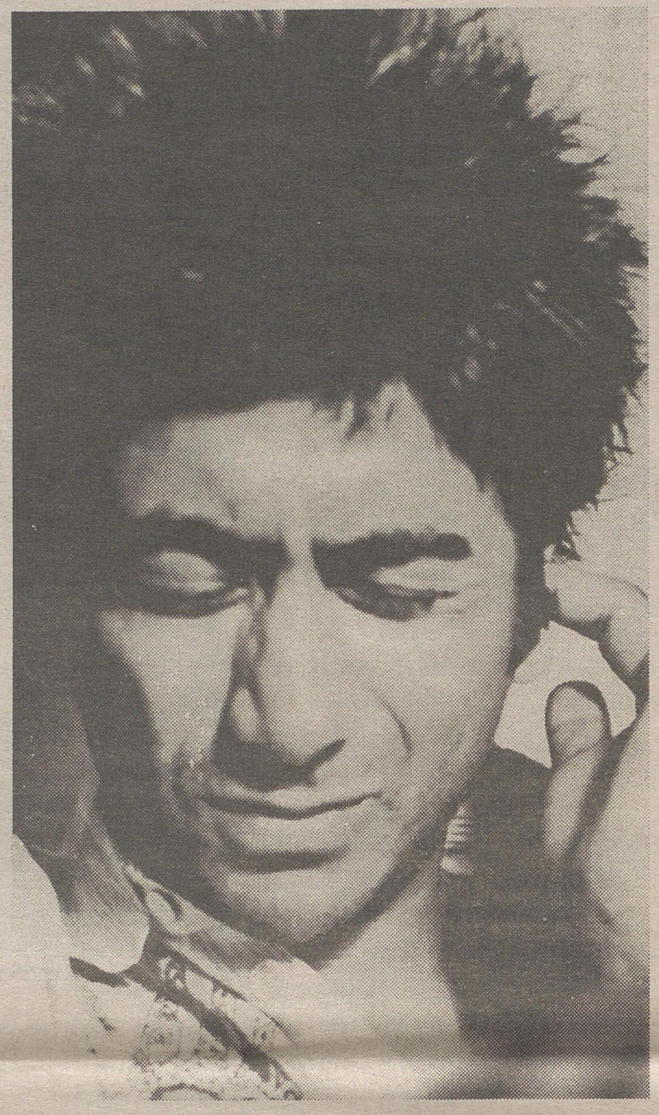
Para esta celebração, fez–se rodear de distintos colaboradores como Ryuichy Sakamoto, Bill Laswell e Somatik (na música de dança) e Shankar Mahadevan e Ustad Sultan Khan (na world music), isto para além da presença de um numeroso coro e da Madras Philarmonic Orchestra.

Já se fez quase tudo e há muito pouco ou nada para inventar.

Re–inventar é a solução e o caminho a seguir.

"ok" é uma prova viva de que a música nunca pára no tempo para além de ser a banda sonora ideal para estudar, para pensar, para sentir, para chorar, para amar e para muitas outras coisas...

Hugo Ferreira



Vários - Xutos e Pontapés; 20 anos, 20 bandas

Tal e qual a selecção de futebol, os nomes estão lá, os resultados ... nem por isso !

Os Xutos foram e são uma banda essêncial na música portuguesa (eu sei que às vezes o Tim tem ar de campónio e o Zé Pedro pode ser um bocado convencido), mas 20 anos a criarem hinos é um feito mais que notável e os Xutos merecem todas as homenagens e mais algumas (desde que sejam bem feitas).

Este disco de tributo reúne supostamente os grandes valores da música nacional, se bem que é dificil compreender como é que nomes como os Três Tristes Tigres ou o Sérgio Godinho não estão presentes, já para não falar nas bandas que habitualmente cantam em inglês e que podiam dar um toque de luxo ao tributo (Blind Zero, Silence 4 e Zen podiam ser boas opções).

Fora isso, a compilação está cheia de altos e baixos,mas se seleccionarmos nove versões temos uma mostra muito boa (Clâ, Jorge Palma e Flak, Cool Hipnoise, Bizarra Locomotiva, GNR, Mão Morta, Entre Aspas, Rádio Macau e Da Weasel).

Os restantes fazem versões cada um à sua maneira, mas estão a um nível mais fraco do que lhes é habitual.

Quanto aos Mão Morta e aos Cool Hipnoise ... ao seu melhor (outra coisa não seria de esperar), os Entre Aspas e os rescuscitados Rádio Macau mudam de rumo e fazem–no muito bem. Os GNR são uma agradável surpresa, sobretudo no campo instrumental e os Da Weasel e os Bizarra apresentam temas mais "pesadotes" mas muito bem recriados. Os Clâ estão muito bem e são uma boa escolha para single, mas "a versão" do disco vai direitinha para a colaboração entre Jorge Palma e Flak em "Esta Cidade".

HF



feitas

VE-SE

A VIDA É BELA

(La Vita è Bella)
De Roberto Benigni
Com Roberto Benigni, Nicoletta Braschi e Giustino Durano
Itália-1998



Para os fundamentalistas (sejam eles de que tipo forem) este filme é um perfeito pesadelo: um filme italiano, verdadeiro sucesso de bilheteira em vários países; realizado por um comediante, um ilustre desconhecido fora de Itália; uma comédia com o Holocausto como cenário, e não uma comédia sobre o Holocausto como muitos (fundamentalistas) catalogaram o filme. Este filme chega a Portugal numa altura em que a polémica que levantou em países como a França e os EUA praticamente se extinguiu, não deixando de levantar pertinentes questões e outras que mais pareciam exercícios de estupidez humana procurando no filme desculpas e relativizações que nem sequer existiam. Roberto Benigni, cómico genial, realizador e intérprete de filmes como "Johnny Palito" (1991) e o "Monstro" (1994), é um dos nomes mais conhecidos da cinematografia moderna italiana, especialmente na área da comédia, e com "A vida é bela", conseguiu o reconhecimento mundial que mostrava indícios de merecer. Produzido pela Miramax, este filme, esta comédia/tragédia apaixonante e emocionante relata–nos a história de Guido (Benigni) e Dora (Nicoletta Braschi), na Itália fascista, desde a chegada de Guido a uma cidade da Toscânia, onde se apaixona por Dora à dura vida no campo de concentração para onde são deportados juntamente com o seu filho Joshua (Giustino Durano). Toda a primeira parte do filme sucede–se em gags e situações cómicas onde Guido tenta cativar Dora, ficando–nos na memória a sequência em que Guido se faz passar por um inspector escolar só para estar perto de Dora, acabando por subverter toda a ideologia racista que supostamente teria de incutir aos alunos que ouviam a sua hilariante prelecção. É aqui que ganham relevo as atitudes de Benigni, que não é um subversor mas apenas porque está apaixonado, não repara no que se passa à sua volta e mesmo quando repara (os ataques ao tio e ao seu cavalo) não abandona o seu optimismo, continuando como se nada tivesse a ver com ele (apesar de ser judeu). Na segunda parte do filme, a soalheira Toscânia é trocada por um campo de concentração nazi, construção cinematográfica irrealista, apenas com a preocupação de ter um palco para a história. Este "desleixo histórico" tem o seu motivo de ser, sem querer localizar demasiado as coisas, Benigni cria uma amostra de como tudo se passou, obtendo assim o cenário ideal para o "jogo" que Guido vai criar para o seu filho. A partir do momento em que toda a família de Guido é deportada (Dora não é judia, mas decide partir com o seu marido e filho), este decide esconder do seu filho o que se passa, mantendo-o na ilusão que tudo aquilo (o Holocausto) é um jogo em que o prémio final é um tanque. É aqui que entramos no parte mais dolorosa do filme, como se rir das partes cómicas nos fizesse ter culpa de alguma forma... e há partes que são engenhosamente cómicas, como quando Guido (sem saber uma palavra de alemão) se oferece para traduzir para italiano o regulamento do campo dado por um sargento nazi e dá–lhe um sentido completamente diferente, criando as regras do "jogo" para que o seu filho se convença que tudo aquilo é isso mesmo: um jogo. Até ao fim, Guido é bem sucedido, evitando sempre que Joshua descubra o que está a participar numa das mais negras páginas da História da Humanidade. Uma tragicomédia excepcionalmente criada, com interpretações excelentes e um argumento notável. Um filme com uma perspectiva completamente nova sobre o Holocausto, mas sem deixar de ser por isso um dos mais brutais, comoventes, inteligentes e interessantes filmes que sobre este assunto se fez. Se a "Lista de Schindler" chocou milhões pelo seu realismo trágico, "A vida é bela", choca, comove, enternece, faz pensar e muito muito mais. Imperdível.

João Melo Alvim

VIU-SE



"Gato Preto, Gato Branco"

(Black Cat, White Cat)
de Emir Kusturica
com Severdzan Bajram, Florijan Ajdini, Salija Ibraimova e Branka Katic
EUA,1998

Algures na Europa de Leste, nas margens do Danúbio, surge–nos uma pequena concentração de ciganos a viverem as agruras da vida ex–Jugoslávia. a realidade social deste povo sofre, contudo, uma retratação cheio de humor por parte de Emir Kusturica (lê–se Custuritsa) nesta comédia.

Nascido em Sarajevo, o também realizador de "Underground" e "Tempo de Ciganos" foi recentemente distinguido com o Leão de Prata em Veneza pelo seu excelente trabalho nesta obra. Baseado num conto do russo Isaac Babel, o filme é, de certeza, uma deliciosa alternativa para quem se encontra enfastiado com o cinema americano.

Com um início aparentemente lento e inerte, desenvolve–se cena após cena de situações hilariantes e insólitas. O ritmo da acção deve–se sobretudo às relações pouco amistosas entre duas famílias ciganas.

O cruzamento entre os valores tradicionais ciganos e os novos valores do capitalismo ocidental servem de pretexto para esta comédia de primeira categoria. Com o apoio de uma banda–sonora excelente, o filme é profusamente regado com ritmos modernos e tradicionais. A música torna–se veiculo apropriado ao ritmo do filme, como acontecia nos primórdios do cinema sonorizado.

Voltando ao enredo do filme, os negócios de família resumem–se a tudo o que possa render "uns troquinhos na carteira": A troca de gasóleo e electrodomésticos obsoletos dos anos 50 com os russos, o tráfico de cocaína e o fabrico de uisque falsificado entre outros produtos "comecializáveis". Isto são apenas alguns dos possíveis ganha–pão destas famílias rocambolescas.

Os acontecimentos proporcionam gargalhadas q.b.: Há uma tentativa de venda por parte de uma velha cigana da sua filha; um personagem "big–shot" da mafia local que insiste em rever passagens de "Casablanca"; um porco (que, aparentemente, não se chama Babe) em alegre degustação de um velho carro abandonado; o casamento entre um gigante e uma moça de "um metro e uma gilette" e outros, são apenas alguns exemplos daquilo que os espectadores deste filme podem esperar.

Realmente, desta vez, Kusturica excedeu–se. Para quem gostou de "Underground", este filme é absolutamente imperdível, pois a continuação do seu estilo cinematográfico é evidente neste filme. Para quem ainda não viu nenhuma obra dele, ainda vai a tempo de apanhar o filme num cinema perto de nós. É uma óptima maneira de aliviar a tensão nesta altura de exames e frequências.

Helder Silva Dantas

CONTRA–INDICAÇÕES

A teoria das papas de aveia

Há algum tempo atrás, ao ligar o televisor, deparei com uma cena bem curiosa que se passava num filme norte–americano (cito de cor). Duas pessoas conversavam e, a dada altura, ele diz para ela que tinha uma teoria que explicava o relacionamento entre homens e mulheres. Era a teoria das papas de aveia. Ela ficou bastante intrigada e ele começou a desvendar–lhe o mistério. As papas de aveia (mais a cobertura que as devia acompanhar) eram macias, delicadas e doces. Por seu lado, a tigela onde as papas teriam de ser consumidas era forte, fria e sólida. Assim se estabeleciam - segundo o nosso bem–intencionado personagem - as diferenças entre os dois sexos.

Esta teoria é um verdadeiro tratado. Não por aquilo que nos diz sobre homens e mulheres mas por ser uma síntese dos estereótipos e representações sociais sobre o masculino e o feminino ao longo da história humana. De facto, a *teoria das papas de aveia* é uma mistificação, pois esquece que as diferenças de comportamento entre homens e mulheres não resultam de uma suposta natureza ou essência masculina ou feminina. As diferenças entre homens e mulheres são construídas socialmente: a sociedade ensina–lhes coisas diferentes, espera deles/delas coisas diferentes e sanciona–os/as de forma diferente. Contudo, a *teoria das papas de aveia* revela de forma muito nítida o princípio androcêntrico de visão e divisão do mundo de que nos fala Pierre Bourdieu no seu livro "La Domination Masculine". A *teoria das papas de aveia* é uma perfeita sinopse de tal princípio que foi sendo sistematicamente reproduzido ao longo dos séculos pela família, escola, estado e igreja. A visão androcêntrica diferencia o feminino do masculino fazendo associar a esta dicotomia inúmeras outras (emotividade/racionalidade, privado/público, mole/duro, etc.). Não se pense, porém - ao contrário do que a ingenuidade ideológica do senhor do filme fazia crer -, que estamos perante "saudáveis diferenças". Além de serem diferenças culturalmente fabricadas, são diferenças desiguais (privilegia–se a racionalidade em detrimento da emotividade, por exemplo).

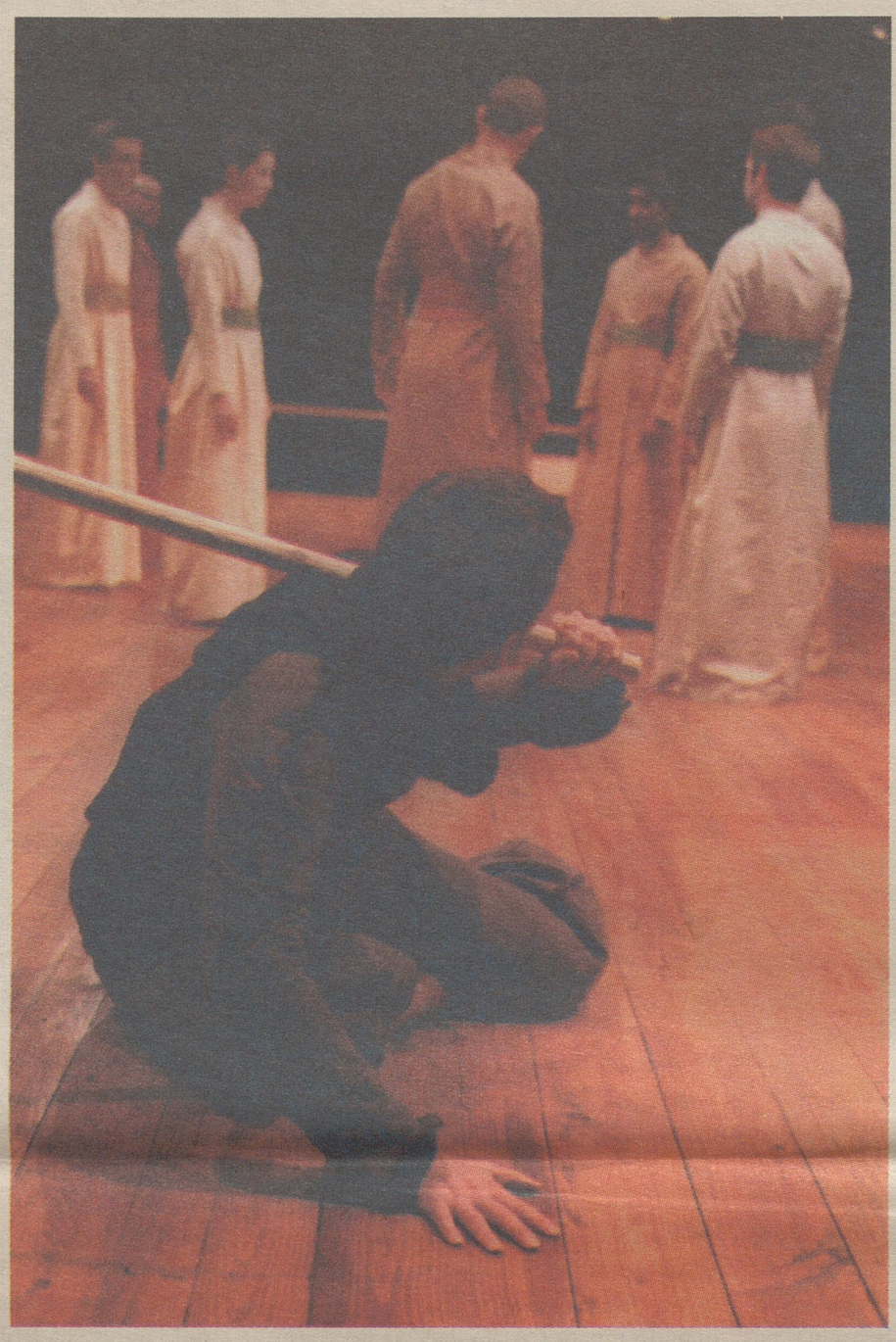
Podemos ser tentados a pensar que, apesar de tudo, as coisas hoje em dia são diferentes e que a desigualdade entre sexos tende a desaparecer. Pura ilusão. Como afirma Bourdieu, muda muita coisa para que a visão androcêntrica permaneça na mesma. (Não deixa de ser curioso o facto de no filme ser o homem e não a mulher a ter uma "teoria"...).Muitos pensarão que se trata apenas de uma questão de classe social. É claro que é diferente ser operária ou burguesa, mas o princípio androcêntrico tem múltiplas e subtis formas de se concretizar independentemente do contexto sócio–económico. Bourdieu dá aliás um exemplo significativo ao referir que, nos Estados Unidos, na grande burguesia, se tende a dar nomes franceses às raparigas enquanto aos rapazes são atribuídos nomes de antepassados de reconhecido mérito (das raparigas espera–se que sejam objectos de sedução, dos rapazes espera–se que dêem continuidade aos empreendimentos e iniciativas das gerações anteriores).

Embora estejamos numa época em que se questionam dualismos e dicotomias, parece que a oposição masculino/feminino contida na β obedece ao Efeito Duracel: dura, dura, dura...

André de Brito Correia

A justiça dos deuses

Os deuses nem sempre agem "justamente". Contudo é a sua justiça- muitas vezes brincalhona ou vingadora- que chega determinar qual o destino de um povo. Nesta tragédia foi a derrota dos Persas, encarada por um grego...



Depois de "As Troianas" de Eurípides (em 1997), o tema dos "vencidos" parece continuar a aliciar todo um trabalho, dedicado pela A Escola da Noite, no que diz respeito à tragédia grega.

Desta vez, são "Os Persas" de Ésquilo - a mais antiga tragédia grega conhecida, a fazerem as honras da casa, pela mão do encenador e antigo director do Instituto de Estudos Teatrais da Sorbonne, Pierre Voltz.

"Os Persas" dramatizam todo o desastre humilhante ao qual é sujeito o povo Persa, na consequência da investida megalómana do "impetuoso" Xerxes, rei sucessor, que vai procurar tomar Atenas e vingar, em Salamina, a derrota sofrida por Dario, (seu pai e rei sucedido) na guerra de Maratona. Xerxes julgava possuír todos os trunfos para empreender esta "louca empresa" e, daí, saír vitorioso: riquezas, exércitos mais numerosos e armas mais potentes que o inimigo seriam o suficiente. Contudo, a tragédia que se sopunha estar a inflingir ao povo Grego, apoderara–se dos que se julgavam mais fortes, e eis que todo um império é destruído: o do povo Persa.

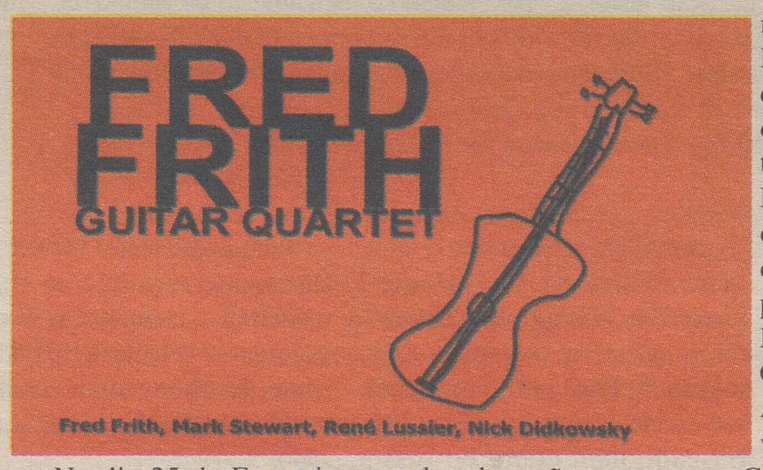
Com a ajuda do Conselho de Ansiãos, que canta ritmicamente canções bizantinas em grego antigo, e encomendadas ao músico especializado no assunto, Lakis Karalis, o espectador é convidado a "partilhar colectivamente o pânico da completa incerteza do destino dos homens", a qual," é talvez essa a catarse própria d'Os Persas". E, é o jogo da justiça dos deuses a causa desta derrota. Ao homem não lhe é permitido jogar, senão a jogada de sofrer a responsabilidade das decisões que toma e, as quais, os deuses se encarregam de julgar.

Na interpretação do Corifeu (Mário Montenegro), Rainha Atossa (Sílvia Brito), Mensageiro (António Jorge), "espectro" de Dario (Isabel Leitão) e de Xerxes (Sofia Lobo), é pedido pelo encenador que se evite o "naturalismo", sem que, no entanto, caiam na tentativa de "recriar" o Teatro Grego antigo. Tirar o máximo de partido da Palavra que o texto oferece, torna–se tarefa obrigatória, não só dos actores, como também do próprio espectador- que não pode saír dali senão, também um pouco Persa. A precisão de uma escolha relativamente às cores e formas dos figurinos, deixa transparecer a Realeza (mortal) do Império dos Persas pela mão de Rachid Dradar, francês de origem Marroquina, especializado em alta costura e, igualmente, convidado de Voltz.

A derrota de um povo pela justiça dos deuses, faz d'Os Persas de Ésquilo, a 19ª produção de A Escola da Noite, encontrando–se em cena no Pátio da Inquisição até 27 de Fevereiro.

Anabela Gonçalves

Fred Frith Guitar Quartet no TAGV, um concerto único.



No dia 25 de Fevereiro, o palco do TAGV recebe Fred Frith, uma personagem ímpar da música contemporânea. Já trabalhou com nomes que vão do rock (Violent Femmes) ao exprimentalismo (Ikue Mori e Zeena Parkins), passando pelos ambientes de Brian Eno e de Bill Laswell.

Na comemoração do 13º aniversário, a RUC decidiu "repetir" a proeza de há três anos atrás; trazer um nome de culto para um concerto de data única em Portugal. Desta vez os convidados são René Lussier, Mark Stewart e Nick Didkovsky, liderados pelo britânico Frith. A guitarra marca o ponto comum entre quatro universos tão distintos como o percurso dos músicos em questão. Desde 1992 que este quarteto se tem mantido como um dos muitos projectos de Fred Frith, tendo já mostrado a lição bem estudada em festivais tão importantes como os de Moers, Bang on a Can, New Music America e Victoriaville. A actual digressão começa em Coimbra (a única data ibérica) e depois segue viajem para Paris, Gent, Viena, Ljubljana, Munique, Dortmund, Zurique e Marselha.

Fred Frith , apesar de aqui se dedicar à guitarra, é um multi–instrumentista exímio no baixo, violino, percursão, manipulação de sons com diversas máquinas, chegando por vezes a fazer incurssões com a voz. Um dos seus trabalhos de destaque está relacionado com o projecto Naked City, liderado por John Zorn que inclui nas suas fileiras Bill Frisell.

Não vale a pena referir a sua discografia, porque não dispomos de três ou quatro páginas do jornal! Para os cibernautas aconselha–se uma pesquisa no yahoo ... os sites são mais que muitos!

Apesar de ter nascido na Grã–Bretanha (em 1949), foi na cidade que nunca dorme (Nova Iorque) que encontrou terreno fértil para desenvolver o seu talento. Na downtown novaiorquina conviveu com um grupo de personagens, também elas singulares, que contribuiram para o desenvolvimento dos seus mais ambiciosos e arrojados projectos.

Por mundos tão distintos como os de Tom Cora, Bob Ostertag, Hector Zazou, Robert Wyatt, Gavin Bryards e Lindsay Cooper espalhou a sua magia e conquistou o devido respeito e admiração da comunidade musical e do público com ouvidos mais atentos.

Depois da homenagem que lhe foi feita há três anos no TAGV por John Zorn, Mike Patton e Ikue Mori, na comemoração do décimo aniversário da RUC, os 13 anos desta estação radiofónica servem de pretexto para a visita de um dos mais completos músicos da actualidade.

Quatro dos mais importantes guitarristas que se movem pelas novas músicas descem à lusa atenas.

Quem é que vai querer perder este concerto?

Hugo Ferreira